



no iníci ● *contos*
Adriana Griner

no iníci ●



BETO RICHA
Governador do Estado do Paraná

PAULINO VIAPIANA
Secretário de Estado da Cultura

VALÉRIA MARQUES TEIXEIRA
Diretora-geral da Secretaria de Estado da Cultura

ROGÉRIO PEREIRA
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

IVENS MORETTI PACHECO
Diretor da Imprensa Oficial do Paraná

Coordenação do Prêmio Paraná de Literatura 2014

LUIZ REBINSKI JR.

MARCIO RENATO DOS SANTOS

OMAR GODOY

**COMISSÃO JULGADORA DO
PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA 2014**

Prêmio Newton Sampaio | Conto

ANTONIO CARLOS VIANA

CÍNTIA MOSCOVICH

PAULO VENTURELLI

Projeto gráfico | Capa | Revisão
Preparo de originais | Produção gráfica

RETINA 78

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

Griner, Adriana.
No início / Adriana Griner. - Curitiba, PR : Secretaria de
Estado da Cultura ; Biblioteca Pública do Paraná, 2014.
112 p. ; 21 cm.

“Vencedor do Prêmio Paraná de
Literatura 2014 - Categoria Contos”
ISBN 978-85-66382-17-4

1. Contos brasileiros. I. Título.

CDD (22ª ed.)

B869.3





no início ●
contos

Adriana Griner



Sumário

havah	07
a mulher de shem	12
babel.....	20
sarai (verão).....	29
sarai (outono).....	40
sarai (inverno)	50
as filhas de lot	59
a mulher de lot.....	68
rivka	76
lea e rachel e zilpa e bila.....	84
dinah	94
bila	102
tamar	105

havah

Daí a muitos anos dirão que fora criada à imagem do senhor. Outros dirão que de uma costela de adão. Tudo dependerá de quem diz, o que diz, como diz. Mas ela sabia que nem uma nem outra. Ela fora criada e só. Sem imagem, sem artifício. Apenas assim, como se cria uma história que não tem fim ou começo, que vem dar voz ao inenarrável, que vem pôr em palavras o que não é, a ordem no caos, a arrumação no infinito. Assim ela também fora criada, uma história em meio à barbárie do informe, nem costela nem imagem.

E a vida era boa, e era ela e a serpente, e rodavam e andavam e serpenteavam pela mata como velhas amigas, e era bom. Era bom ver o junco junto ao rio, era bom comer do figo e das uvas, e sentir a água correndo e limpando o mundo. O mundo rasteiro como a erva que crescia e simples como o horizonte que se divisava da quase ilha em que moravam. O gado pastava solto e o leite quente que bebiam enchia a alma e era bom, e as frutas colhidas aos montes das árvores manchavam as mãos e o corpo e era bom.

Correr pelo campo aberto também era bom e o vento levava os corpos e empurrava as pernas, e elas corriam até mais não poder, e se deixavam cair já sem forças, arquejando e felizes, a canseira gostosa de quem se cansa por querer e rindo das coisas bobas que se diziam e esqueciam.

E por vezes as coisas bobas se faziam menos bobas, e ela e a serpente se punham a imaginar outros mundos e outras histórias, e como seria se. E foi assim que um dia a serpente não se aguentou e disse: há outros mundos possíveis. Há outras histórias. Ela não prestou muita atenção, mas uns dias depois quis saber melhor. E a serpente contou. Que prestara atenção no que outros falavam. Que entreouvira. Que era possível que elas não de tudo soubessem. Que havia um meio. Que as árvores guardavam segredos, e que uma delas em especial trazia em si os frutos do conhecimento, e que sabendo do bem e do mal a vida seria outra.

E elas ponderavam. Continuar a mesma vida? Saber de outras vidas, de outras verdades? Descobrir era bom? Ficar no desconhecimento era bom? Dias e noites de conversas jogadas fora, o supremo prazer de falar e falar, de estar junto e se saber querida, o supremo amor. O tempo que não passava era um tempo de amor sublime, mas havia sim algo a saber, algo a descobrir. E havia ainda deus, e a certeza de que algo tinha sido ocultado delas, algo escondido e solene, algo que não se falava e não se ouvia, e elas queriam e não queriam saber. O tranquilo lugar do desconhecimento estava rachado, e a certeza de que algo tinha sido por certo dissimulado as faziam sonhar com o além do rio e além das águas e além das terras.

E havia adão. Adão para quem deus era bom e correto, deus era apenas alguém a quem se agradecer e não duvidar. Não, não era possível falar com ele. O mundo era branco e preto para adão, e ela sabia que assim não seria jamais o mundo, não o mundo que ela e a serpente habitavam, não o mundo que elas sonhavam que habitavam e faziam que habitavam. Não, o mundo seria sempre outro para elas, e então diante dele ela se calava e era apenas quando se encontrava a sós com a serpente que ela ousava falar e ouvir.

E então a serpente trouxe uma novidade. Não era apenas uma árvore. Eram muitas. Uma árvore traria o conhecimento, diria do bem e do mal. Outra seria a árvore da vida, e elas viveriam eternamente,

eternamente correndo nos campos, comendo dos frutos, nadando nos rios. Outra ainda as levaria a outros mundos, para além desse mundo, para um mundo que elas nem sequer compreenderiam. Outra as faria ser também a fonte da criação, e as formas criadas seriam infinitas, infinitas como a imaginação do ser criador. E ainda outras.

No início tudo parecia muito irreal. Como assim, um outro mundo? Como assim, criar outros mundos? E qual o sentido do bem e do mal, elas que viam que o mundo era bom? E elas já viviam eternamente, ali, entre o rio que serpenteava e circunavegava.

E muitas falas e muitas conversas até o dia em que resolveram que deveriam provar de uma das árvores. Só provar, para sentir o gosto e o aroma, o jeito e a fala, mas elas não sabiam de qual das árvores deviam de provar. Criar um novo mundo era tentador, conhecer um novo mundo também. Mas viver eternamente parecia demais, algum dia ela se cansaria e ainda teria de viver para sempre, e não lhe parecia justo jamais poder descansar, estar viva para o todo o sempre era por demais. Havia também a árvore do bem e do mal, mas essa lhe parecia inútil, a ela lhe bastava o conhecimento dos frutos e das árvores, da água e do leite e do mel.

A serpente tampouco sabia. Parecia-lhe bem o mundo tal qual era, o vento nas costas largas e o deixar-se estar. Tinha curiosidade de provar de todos os frutos, isso sim, os gostos lhe sabiam bem, conhecer de cada um deles e penetrar seus mistérios, o sabor se espalhando em sua boca e em seus instintos, sim, de todos eles ela provaria um dia. Mas um dia. Por enquanto, bastavam-lhe os sabores existentes.

Foi adão que começou com a conversa. E se provássemos de todos eles? E se soubéssemos o que é o bem e o mal, e com isso criássemos um novo mundo, e viajássemos entre nosso mundo e os outros, e...? Elas se riam dele, a ingenuidade de quem nunca pensara nisso antes, a animação contente de menino mimado, elas que sabiam que sua coragem acabava no temor a deus, no medo de dar um passo maior que as pernas, de percorrer o desconhecido e o inefável.

E eram conversas intermináveis, plenas de e se, e se, e que terminavam em um mergulho no rio e no lavar da alma, as palavras esquecidas e levadas pelas águas.

Até o dia em que. Adão se chegara de mansinho, e disse que ficara pensando que criar um novo mundo seria a suprema aventura, e a serpente dissera que ele nada sabia, e então ele disse que comessem todos da árvore do bem e do mal, que assim eles de tudo saberiam, e sem nem perceber a serpente foi concordando e pegando do fruto da árvore, e provando e passando para ela, que comeu com gosto e passou para adão, que ainda olhou perplexo para ambas e também comeu. E eles se entreolharam e viram que estavam nus, mas para a cobra isso nada quis dizer, ela que sabia que o mal não morava fora do corpo. Mas ela e adão correram a se trançar as folhas e vestir roupas, e ficou claro que o bem e o mal guardavam muitos significados, e para cada um queria dizer algo distinto, e cada um de seu lado foi mastigando o conhecimento, sentindo seu gosto azedinho e percebendo as nuances que se espriavam pela boca e pelas narinas, e iam percorrendo seus corpos já vestidos e separados.

Foi então que deus se apercebeu do que acontecia. E se eles detêm o conhecimento, não vão tardar a provar do fruto da eternidade. E daí é só um passo para provar do próximo fruto e criar seus mundos. E a criatura se tornará o criador, não, os criadores, e eu serei apenas mais um criador, mais um ser em um mundo. E doeu. Ser apenas mais um era o terror do pequeno deus, ele que se queria único e absoluto. E então a solução veio rápida e pronta. Expulsá-los do paraíso. Antes que comessem de outro fruto. Antes que comessem de outra árvore. Antes que.

E perguntou deus ao homem por que comera da árvore do bem e do mal, e o homem disse que a mulher o tentara, e que à mulher tentara a serpente. E a deus não havia tempo de desfazer traições e diz-que-diz, pois que o tempo urgia. E expulsou a todos do paraíso, e tratou de espalhar a dor enquanto ainda havia tempo.

E a ela separou da serpente, elas tão amigas se deixariam levar por medos ancestrais e se odiariam e se matariam por todo o sempre, esquecidas de seus tempos comuns, de seus amores e carinhos.

E ela se esqueceria de sua força, concentrada que estaria de sofrer a dor maior, e gerar os filhos e multiplicar as gerações e a terra seria maldita e traria a dor, os espinhos e cardos a cortar a pele e o suor a ceifar a vida e os anos de adão.

E o rancor duraria séculos e séculos, e assim seria até o final dos tempos. Não fosse um encontro casual. Ia ela passeando pelos campos, vestida e asseada, plena do conhecimento, e esquecida já do que se passara, e que houvera um tempo em que estiveram todos nus e no paraíso, quando ao passar por uma flor de cardo algo a fez parar. Era um dia quente, e o suor corria por seu rosto, e o campo se fazia de ouro do trigo que eles cultivavam, e um raio de sol cortou o roxo da flor do cardo. Assim, simplesmente. E a flor cortou sua pele, e o sangue brotou e tingiu o chão e um quase círculo se fez ao seu redor. E então ela viu. Lá estava a serpente. Um primeiro impulso a fez buscar um toco de madeira, um ramo qualquer, mas seus olhos cruzaram os olhos da serpente e as duas ficaram ali, imobilizadas. O tempo parou, só o vento assoviando e levando as folhas. E as duas mantiveram o olhar, e a compreensão se fez imediata, e as duas então já sabiam o que fazer, e correram lépidas até o fim dos tempos, e correram e tropeçaram e correram e serpentearam até o fim do mundo, e ultrapassaram o rio e as águas, e juntas colheram o fruto e lambuzaram-se no sumo vermelho e quente e riam-se de novo juntas, de novo ela e a serpente, e agora os mundos se misturavam e se entrecruzavam, e elas ali, só rindo e gozando o prazer de criar e recriar, de trazer de volta e deixar, de inventar e desinventar, e os mundos só se sucedendo e se entretecendo, elas, as criadoras, rindo do deusinho pequenino e inosso, elas que sabiam do sabor dos mundos.

a mulher de shem

I

E se arrependeu deus de ter criado o homem, pois que a violência grassava entre eles, e seus espíritos eram maus. O que de vez em quando acontecia a deus, pois que a criatura nem sempre era o que devia de ser, ou a criação havia sido perfeita demais e a criatura a ele se assemelhava demais, e lhe doía o espelho, ou danava a pensar por si mesma, a ter ideias próprias, e formas próprias de ver o mundo, e o mundo se distanciava cada vez mais dele, e ele não mais reconhecia o mundo, e lhe dava uma vontade repentina de desfazer o que havia feito, e destorcer até que voltasse a ser o que devia de ser, e destruir. Como agora. Às vezes pensava que devia se esquecer daquele mundo, ir criar outros mundos e outras vidas, mas achava-se intimamente entrelaçado àquele mundo, àquelas gentes, e era com carinho que olhava as mulheres apascentando os carneiros e as cabras e os leucrotas, e os homens a semear a terra, e cuidar de suas vinhas, e embebedar-se em seu vinho, e dançar e amar e procriar e morrer. Sim, mesmo a morte era-lhe bom, e olhava as mazelas que criara como um pai a um filho que engatinha e anda e corre e mata

e morre. Mas não sempre. Não agora. Cansava-lhe a espécie humana, e seus rompantes eram grandes e exacerbados. Se era para destruir, destruiria toda a face da terra. Destruiria cada planta e cada animal e cada pedra e cada ente que restasse. Sua obra não era perfeita, e perfeita devia de ser. Ou que não fosse.

Mas não noach. Olhava com carinho noach, tão semelhante a si, noach que cuidava de sua família acima de tudo, que cuidava de seu rebanho e de sua vinha e que comia e bebia e embebedava-se e com sua voz de trovão levava o seu povo e cuidava do certo e do errado e do incerto e do talvez. Noach que sabia sempre o que fazer e não fazer, que era o centro e o fim, sim, Noach lhe parecia seu. Sua criação, seu espelho. Como devia de ser.

Não, não seria capaz de destruir noach, não noach e seus filhos e suas mulheres e seus rebanhos. Mas destruir a terra seria destruir o mundo de noach. E isto ele não poderia fazer. A dor de noach seria sua dor, a dor de sua criatura a dor do criador, era preciso poupar noach, era preciso poupar sua gente e seus animais, os que dele eram e os que selvagens seriam, sim, era preciso poupar noach e seu mundo.

II

E falou deus a noach: a terra está corrompida, e a violência grassa e o mal se dilui. Vai e pega a madeira de gofer, e com ela constrói uma arca, uma arca grande em que caiba o seu mundo. E constrói a arca com compartimentos grandes e pequenos, e a recobre com betume, por dentro e por fora, e constrói três andares, o de baixo, o segundo e um terceiro, e que ela seja grande que alcance trezentos côvados o comprimento, e cinquenta côvados a largura e ainda trinta a altura, grande que caibam nessa arca você e sua mulher, e seus filhos e as mulheres de seus filhos, e um casal de cada animal que há sobre a terra, pois que um dilúvio cairá sobre a terra, e tudo se destruirá, e sua família e os animais que se salvarem na arca serão o novo mundo.

Noach não costumava contrariar a deus. Deus falou, assim se cumpre. Noach não pensou como uma simples chuva poderia destruir toda a terra, não pensou em perguntar a deus se não haveria homens melhores que ele, e por que os animais deveriam pagar pelo mal dos homens. Não, noach não pensou, noach como boa criatura apenas foi a buscar madeira de gofer, e com ela ele e seus filhos se puseram a construir a arca, eles que sabiam o longo tempo que levariam naquela tarefa, e às mulheres restou juntar os animais e os casais, e procurar nos bosques e na planície os animais que voavam e rastejavam e andavam e pulavam.

E assim elas fizeram. E a mulher de cham buscou os animais dos bosques e foi descobrindo quais animais aceitariam com ela ir, e quais haviam de ser caçados e guardados até o momento da partida. E a mulher de yafet buscou os animais da planície, e também cuidou dos que haviam de ser cuidados e prendeu os que haviam de ser presos e buscou os que se escondiam sob as pedras e sob as plantas. E a mulher de shem buscou os animais que viviam pela casa, ela que conhecia cada ovelha e cada cabra e cada leucrota e cada cachorro e cada gato e cada vaca que pastavam por aquelas paragens, e ordenhou aos que deviam de ser ordenhados, e cuidou dos que alguma doença os acometia, e começou a separar os casais. Ah, os casais. Foi então que ela percebeu que não havia jeito. Pois que de toda espécie era possível encontrar um casal que fosse de fato um casal, um macho e uma fêmea que se reproduzissem e repovoassem a terra quando as águas se fossem. Mas não dos leucrotas. Eles tinham apenas dois machos e três fêmeas, mas os dois machos eram inseparáveis e se via que a relação era puro amor e de nada serviria separá-los e levar a um e não a outro, e deixar um macho cerca da fêmea, seria um casal inútil e sem sentido, ele nunca que montaria a fêmea vendo-se privado de seu amor, seria um levar à toa e um ocupar-se à toa. E ficou ela ali a matutar, ela que sabia o que era o amor que permite e o que não permite, ela que sabia que nem todo amor é igual, ela

que via as mulheres de cham e yafet em seu amor, o amor em que ca-
biam elas e seus homens, e então apenas elas, e então de novo cham
e yafet. Mas aqueles leucrotas não eram assim. Aquelos leucrotas
não eram capazes do amor ora de um jeito ora de outro, era um
amor exclusivo e intenso, um amor de todos os minutos e horas, e
ela sabia que não haveria jeito de eles esquecerem seu amor por pas-
sado o tempo e a terra inundada e seca sendo outra e outra a vida.
Não, ela algo deveria de fazer, e não sabia o quê. Falar com as mu-
lheres de cham e de yafet? Mas então ela teria de dizer que sabia do
amor delas, e falar do que não se fala. Não, teria de falar com shem.
Shem talvez pudesse entender, shem talvez atinasse e aceitasse le-
var os dois leucrotas e uma fêmea, pois que em meio ao amor entre
eles, talvez eles percebessem que não havia outro jeito que não mon-
tar uma fêmea para que a espécie seguisse, e em meio à felicidade de
tanto amor talvez aceitassem apenas montá-la para a espécie seguir,
assim, uma vez, assim como as mulheres de cham e de yafet. Sabia
que nada disso talvez fizesse sentido, pois que por certo os leucrotas
tinham o seu jeito de pensar que nós jamais entenderíamos, mas lhe
doía separar tamanho amor, e ela ia tecendo os argumentos que da-
ria para shem, construindo um mundo de amor e carinho e doação
que convencesse a shem, que enredasse a shem e o fizesse dizer que
sim, que os leucrotas e seu amor seriam também salvos, que o amor
seria sempre tanto e sempre.

III

Uma teia que de nada serviu. Como assim, levar dois leucrotas
machos? E uma fêmea? Para quê? Nenhuma espécie irá mais do que
dois, mesmo nós, não há amigo ou parente que será salvo, como as-
sim, salvar a amizade de leucrotas? E leucrotas lá são amigos? E o
que é a amizade frente ao amor? Ao amor de um casal? E o que deus
falou nem foi amor, ele foi bem claro com noach, as espécies vão

para se reproduzir, o mundo será destruído e reconstruído com nossas sementes, com nossas espécies, o mundo voltará a ser o mundo, com todas as espécies que nele há, as cabras e as ovelhas e as vacas e os leucrotas e os cachorros e os gatos e os pássaros e tudo que rasteja e anda e pula e corre. O que é isto que você está a falar?

E ela tentou de novo. Explicar o inexplicável. Que os leucrotas não se cruzam com essas fêmeas, que eles montam um no outro, que só talvez em um último caso, quando não houver mais saída, eles montarão a uma fêmea, quando a vida talvez estiver por um fio, porque se amam e não querem o fim da espécie, porque um do outro é espelho, e vão querer talvez que o espelho se perpetue, e gostarão de cuidar de suas crias, mas juntos, jamais deixarão a fêmea a cuidar de suas criaturas, jamais abrirão mão de seu amor e do amor pela cria, e o filhote que acaso vier será dos dois, mas era tudo em vão, shem não se deixava enredar em suas palavras, elas que para ele eram apenas trançadas para guardá-lo, mas não desta vez. Desta vez shem estava surdo, e ela via que falava em vão. Então pediu a ele que ao menos falasse com noach, sem citar o amor, sem falar dos leucrotas até, apenas se não era possível levar mais leucrotas, apenas se não era possível não ser apenas o casal.

E com isso shem concordou. Falaria com noach, tentaria, não que sua mulher o tivesse convencido, com o que então os dois leucrotas se amam, a seus olhos parecia até engraçado, mas ele sim amava sua mulher, e por ela concordou em falar com noach.

IV

E falar com noach foi mais que inútil. Que argumento poderia usar com noach? Que os animais se amavam? Noach apenas ria em sua face. Que eles se recusariam a se reproduzir se separados? Mais um riso. Tentou apenas ser direto e franco – os dois leucrotas só montam um no outro. Sim, isto sim pôde ser falado. Mas à toa.

Noach disse que poderia até deixar mais animais, até mesmo sete de cada espécie. Mas não um bicho impuro como o leucrota. Não os leucrotas com seus cascos fendidos. Não os leucrotas impuros. Que buscassem outros leucrotas. E fim.

Shem ficou pensando como falaria com sua mulher. Ele tentara, mas sabia do amor de sua mulher por aqueles leucrotas. Ela sabia ver o amor em qualquer criatura, e mesmo naquelas de quem todos fugiam. Talvez sugerisse a ela procurar outros leucrotas. Mas sabia que seria em vão. Os leucrotas tinham vindo de uma terra longínqua, das terras do sol nascente, e dificilmente haveriam outros leucrotas por ali, ela os comprara de uma caravana que passara por lá há tempos e tempos atrás, e a rota da caravana se perdera nas areias ao sul, e dificilmente passariam outras e mesmo outras que trouxessem com elas leucrotas. Não, não havia muito o que fazer, noach estava irredutível, e sua mulher teria de se conformar. E assim foi a falar com ela, ele que sabia de sua tristeza e de seu amor.

Mas jamais esperou por aquela reação. Ele contou a ela, e ela se calou. Nem uma palavra. Nada. As lágrimas correram por seus olhos, mas nenhuma palavra dita.

E ele se foi a ajudar a noach, a arca tinha de ser feita, e o tempo urgia.

V

A mulher de shem estava sem palavras. Ela, que sempre tinha o que dizer, sempre tinha uma tirada na ponta da língua, fosse ferina ou amorosa, fosse engraçada ou ponderada, ela sempre tinha o que falar, sobre o que falar. Não agora. Agora era maior que ela. Ela amava aqueles leucrotas, e mais que os leucrotas, ela amava o que elas eram para ela, a eterna possibilidade de uma outra forma de amor, de um outro jeito, de um outro mundo. Eles eram para ela o outro mundo. Esse que deus tão desesperadamente queria destruir para reconstruir, esse mundo já estava ali diante de seus olhos, era a

figura estranha dos leucrotas em seu amor estranho, era o estranhamento dos seres de outras terras, de outros mundos, ali, no mundo possível porque já existente, era tudo o que ela precisava, ela não precisava de dilúvio e de destruição e de recriação, de nada, os leucrotas estavam ali, eram palpáveis e existentes, eram reais. Mas isso nem deus nem noach nem shem poderiam ver. Foi então que ela pensou nas mulheres de cham e de yafet, sim, elas poderiam entender, também elas presas de um amor maior, sim, ela teria de falar com elas, mesmo que tivesse resolvido que não, mesmo que tivesse que falar do que não se fala, mesmo assim.

E de novo nada. Mas elas não entendiam? Um amor como o delas, um amor absoluto, um amor mais que tudo? Por que elas não poderiam fazer nada? Elas podiam ao menos recusar-se a se deixar montar, nós três nos recusaríamos a nos deixar montar, nós mostraríamos a eles o que é, o que poderia ser, eles por certo entenderiam, eles também machos, shem, cham e yafet veriam que há amor maior que tudo, nem seria sacrifício para elas, elas que tinham outro amor que ela não tinha, mas isso ela não ousou falar. Mas nada mexeu com elas. Os leucrotas eram apenas animais para elas, animais de uma terra longínqua, estranhos e feios, e que por uma piada da natureza tinham algo delas, mas só. Não lhes doía que a espécie desaparecesse. Não lhes doía que os leucrotas fossem separados. Outros animais também seriam separados. E filhos e mães. Irmãos e irmãs. Avós e netas, tios e sobrinhos, amigos e amigas. Eles são apenas mais dois. Nós não temos tanto em comum com eles; em verdade, quase nada.

A mulher de shem desistiu de argumentar. Se elas não sentiam, não havia o que fazer. Se elas não acreditavam e não viam, de nada adiantava falar.

E a mulher de shem viu a madeira ser cortada, e a arca ser montada e os dias se passando. E os leucrotas cheiravam no ar e adivinhavam o destino, e se punham pesados e tristes, e o dia chegando de subir na arca, ela não teve coragem de separá-los, e shem os teve

de separar, e o uivo dos leucrotas cortava o corpo de cada pessoa em dois, e a dor era insana, e ainda assim os animais foram sendo embarcados, e a arca se fechou e a chuva caiu, por dias e dias e os dias se fizeram semanas e as semanas meses, até o dia em que a terra secou e eles abandonaram a arca. E cada casal desceu e se estabeleceu nos novos bosques e planícies e campos e tendas.

E ela e shem se quedaram em seus campos, eles e suas ovelhas e cabras e leucrotas e vacas. E ela deu à luz a eylam e ashur e arpa-chshad e lud, e suas ovelhas e suas cabras e suas vacas tiveram suas proles e a terra se repovoou e se criou e se refez.

Mas não os leucrotas. Os leucrotas se olhavam com seus olhos vazios, e nenhuma descendência lhes coube, e por mais que o tempo passasse, o macho não montou a fêmea, e os uivos tristes do leucrota continuaram a ser ouvidos por sobre a terra até o seu tempo findar e o leucrota morrer e a espécie desaparecer.

E a mulher de shem olhava o arco da aliança após as chuvas que se seguiram, o arco que ali estava para lembrar a deus sua promessa, e ela pensava que deus era aquele que precisava de um arco no céu para se lembrar de suas palavras, que deus era aquele que em um impulso de raiva poderia de novo destruir o mundo, que deus era aquele que em um impulso de cólera havia matado o amor, o outro amor que nada tinha a ver com ele, o outro amor que era puro amor e que se fora no leucrota que ficara e que morrera pela chuva divina.

babel

I

Babel acabara de ver a torre ruir. Não tinha sido como um terremoto que de um zás come a terra, as tendas, as casas, as gentes. Ou um raio que destrói uma árvore, em que a luz traz em si o seu oposto. Tinha sido quase como um ato de amor, o nível mais alto caindo devagarinho, esfarelando-se como um bolo mal ligado, e levando consigo mais uma pedra, e outra, e outra, até sobrar apenas poeira para todos os lados. Alguém poderia dizer que a torre chegava aos céus, pois lá estava ela envolta em nuvens de pó que não se distinguiam das pesadas nuvens de chuva que vinham logo acima. Pelo chão, à volta da torre, pedras em cacos pareciam construir caminhos para o topo encoberto da torre, e de longe parecia uma imensa montanha escarpada.

Não tardou muito e a chuva começou a cair. Uma chuva forte que durou dias e limpou o horizonte. E as pessoas puderam por fim ver babel destruída. Nem toda a torre jazia por terra. Uma parte dela ainda se encontrava ali, apontando o céu, mas apenas os dois primeiros níveis tinham sobrevivido parcialmente.

Mas tudo se deu antes de se poder ver em que a torre tinha se transformado. Babel olhara pela janela e vira a torre se desfazendo. E por um instante esquecera da vida e ficara a mirar o pó e a destruição,

e a não entender o mundo diante de si. Mas a voz que veio do quarto a trouxe de volta, e ela correu a colocar mais lenha no fogo, e a esquentar a água, e a acudir seu filho e perguntar: “Quer leite? Pão?”, e seu filho só a olhou com olhos transparentes e lhe respondeu: “Na? Taledachkvach, ama!”, e ela achou graça de seu filho a inventar uma língua, e dos sons guturais e raspados que ele fazia, e foi a trazer um chá e um pão para ele, que ele devia estar a brincar e a dizer do jeito que só crianças podem inventar que o leite não lhe satisfaria hoje... e correu a contar a graça de seu filho a seu homem, que ainda dormitava, mesmo com todo o barulho que a torre fizera, mesmo com tudo, e pensou que devia mesmo de acordá-lo, a torre caíra, a torre se esfarelara, sim, tinha de acordá-lo e contar, e mexeu e remexeu, e tentou levantá-lo e tudo que ele disse foi “Denshaideshnain” e ela ainda sorriu e achou graça também, então seus homens estavam tirando o dia para se rir dela, então o sacudiu ainda mais e falou “A torre, a torre se caiu, você tem de acordar e vê-la!”, mas seu homem acordou e só a olhou com olhos espantados e pareceu tentar falar algo com ela, mas tudo que ouviu foi “Otshaanaseshanain” e ela se riu e achou ainda mais graça. Eles deviam de ter combinado na véspera a brincadeira, era bem deles inventar um jeito assim de se rir dela, inventar uma língua que ela não entendesse e não percebesse, iam todos rir muito depois, e ela se foi a cuidar do chá de seu homem e ver se seu menino já comera e já estava pronto para acompanhar o pai na lida.

Mas não era uma brincadeira. Quando os dois por fim se sentaram para comer, o chiado do vento nas tamareiras não entendia o som rascante do rio cortando a pedra, e eles eram surdos um para o outro, e o menino se pôs a chorar, e o pai puxou do menino para si, inentendendo o que se passava, mas certo que algo se passava. E sem palavras, os três se foram para a rua, falando para os ventos, e ouvindo vozes correntes, sibilantes, guturais, chiadas, até encontrarem alguém que falasse a mesma língua de um deles, e descobrir que era o que se passava em cada casa, em cada rua, em cada tenda, em cada jardim.

E com os dias se passando, começaram a ver que as pessoas iam se juntando, as que falavam a língua chiada acabavam por encontrar outra que falava sua língua, e iam e se juntavam na mesma casa, e os que encontravam os sons que puxavam da garganta encontravam outros que também forçavam suas gargantas, e foram se fazendo grupos e os grupos foram se acomodando nas mesmas casas, e alguns resolviam que iriam embora assim mesmo, que melhor era encontrar um lugar em que todos se entendessem, e não fossem ao mercado e pedissem farinha e recebessem uma galinha, ou quisessem comprar uma manta e saíssem com um tapete. E os bandos foram se fazendo, e pais abandonavam filhos, e netos abandonavam avós, e muitos se iam, e a cidade foi ficando abandonada, só ficando famílias como a sua, famílias que se recusavam a se separar e a se deixar, que a língua não iria desfazer do amor que os juntava, as línguas, na verdade, que cada um tinha a sua, cada um falava de um jeito até que por fim quase abandonaram as palavras na casa, e se falavam por gestos, assovios e risos, e por vezes lágrimas também, mas não seria a língua que os deixaria longe um do outro.

E pela cidade era possível sempre encontrar pessoas que ainda falassem a sua língua, que não se perdesse de todo, e foi assim que ela encontrou o mendigo que morava na sombra do velho templo, e a quem ela sempre apenas deixava a sobra da janta do dia anterior, mas que agora se tornara o seu único amigo, e ele contava da vida grandiosa que tivera, e de como sua mulher o abandonara e fora embora com um viajante, e como levara seus filhos e ele não tivera mais gosto para a vida, e como a vida era esperar a esmola deixada e olhar as gentes que passavam. E ela escutava, a delícia de entender a mesma história contada dia após dia, o sorver das palavras conhecidas, ela já quase decorando que palavra viria depois, e voltar para casa plena de troca e felicidade, ela que tinha alguém na cidade fantasma, ela que podia falar e ouvir por fim.

Ela ainda pensou talvez em sair a procurar pessoas com quem falar, ela que ficara com sua língua, ela que se saísse da cidade com certeza encontraria outras pessoas de sua língua, mais facilmente que qualquer um, mas não se era babel à toa, com certeza devia de ter uma razão para ter ela esse nome, ela e a cidade unidas desde sempre. E não lhe parecia certo abandonar a pequena horta nos fundos da casa, as videiras que cresciam pelas varandas e muros, o campo a se prolongar por trás da casa até o horizonte e as cabras a pastar e os cachorros a correr e a latir. Eles que pareciam agora se entender melhor do que os homens, quem sabe a língua deles não tinha sido misturada, e então ela danava a pensar o que tinha sido aquilo, quem tinha feito a mágica, quem tinha sido o deus que perdera seu tempo a misturar as línguas, e ele devia de ter perdido muito tempo, sim, inventar tantas línguas devia de tomar muito tempo, muito esforço, e para que tanta lida para fazer as pessoas se desentenderem, para que tanto trabalho para ver pai e filho não perceberem o que o outro falava, avó e neto não saberem o que o outro queria, e as gentes a se desconhecem e a não poder trocar e trabalhar e festar. Havia de ser um deus muito mau ou perdido, para gastar seu vigor numa empreitada assim desarrazoada, e foi só quando o seu amigo, o mendigo do templo, veio lhe dizer que tinha sido o deus do templo, que tivera raiva dos homens querendo chegar no céu, que não queria homens chegando no lugar dele, que ela atinou ainda mais na falta de sentido, e perguntou para o mendigo se ele imaginava a razão naquilo tudo, e o mendigo falou que com certeza era um castigo para os homens, porque o céu não era lugar aonde se pudesse chegar, e então a misturada de línguas era um castigo divino, e ela ainda perguntou para ele: “Mas que castigo é esse que ninguém sabe que é um castigo? Que ninguém sabe que tem um deus e que esse deus está castigando? Que ninguém pode nem saber desse castigo porque cada um fala uma outra língua, e está mais é preocupado com retomar a vida, e cultivar sua terra, e cuidar de seu filho, ou do filho de outro que fala sua

língua, e da mulher de outro que também fala sua língua, e em plantar e trocar e comer e viver?». E o mendigo seu amigo também não tinha respostas, ele também só tendo a ela para falar, e ela lhe perguntou por que não ia procurar outras pessoas que falassem sua língua, já que ele não tinha um homem e um filho que nem ela, e ele lhe disse que a vida não mudara para ele, antes ele estava ali diante do templo e ninguém falava com ele, ela lhe trazia o de comer, mas não conversava com ele, e ninguém mais também falava com ele, agora ele tinha uma amiga e com quem falar, aquela praga de deus tinha mais é deixado sua vida igual, mas um pouco melhor, não? E ela não teve como não concordar, a vida não era tão diferente assim para ele, e ela também pensou que para ela também não, porque aos poucos eles iam construindo uma língua nova na casa deles, e quando o filho falava “mata” e apontava a uva, eles guardavam a palavra e a iam usando, e quando ela trazia o chá e oferecia “Chá?”, também eles guardavam a palavra, e pouco a pouco uma língua feita de remendos foi se fazendo na sua casa, e eles se entendiam pelas palavras já comuns ou as inventadas, pelos gestos e pelas novas palavras que a cada dia um deles ia incorporando.

E isso foi acontecendo também com as pessoas da cidade. As pessoas iam seguindo suas vidas, era preciso semear o trigo e a cevada, era preciso colher a uva e as tâmaras, era preciso fazer o pão e preparar o vinho. As pessoas iam seguindo em suas tarefas diárias, e por vezes era preciso trocar algo que sobrara da colheita, e as pessoas levavam seus produtos ao mercado e tentavam se entender de alguma forma, balbuciavam sons que não eram compreendidos, e ainda assim conseguiam trocar sua cesta por um saco de vinho, trocar a roupa cerzida com carinho por um naco de carne, e então riam-se da forma do outro chamar o pão e os figos, e alguns iam repetindo as palavras engraçadas do outro, e vez por outra uma palavra aparecia da junção das palavras, ou alguém adotava a palavra do outro, ou ainda inventavam outra palavra a designar algo velho. Ou novo. Ou igual.

II

Poucas pessoas se dignavam a ir até a torre. Que já não era bem uma torre, era mais uma base espalhada pelo chão, mas ainda restara dois níveis na torre, e o buraco que se fizera fazia lembrar um vulcão. As crianças foram as primeiras a se aventurar a subir na torre, e brincar no grande buraco a se esconder entre os entulhos e a voltar e tentar contar aos pais o que haviam visto. Os pais sacudiam a cabeça, por demais ocupados em refazer suas vidas, e pouco entendendo o que cada filho falava, mas aos poucos a curiosidade os fez também subir pelos lados da torre e chegar ao baixo topo e olhar à volta e ver os destroços. Alguns ainda tentavam explicar uns aos outros o que viam e sentiam, mas a língua comum ainda era pouca para conseguirem se entender. Voltavam aos afazeres diários e seguiam a vida de plantar, colher, cozinhar, beber, comer.

Alguns ainda faziam suas abluções e rezavam ao seu deus. Mas mesmo deus perdia importância naquele mundo de tantas línguas, e era um ato solitário que muitos iam largando, mais preocupados com a sobrevivência diária. Também havia aqueles que desconfiavam que deus era responsável pela destruição da torre e pelo confundir das línguas, e perdiam a paciência com aquele deus pequenino que devia de ter destruído a torre por pura inveja. Mas esses eram poucos. A maior parte simplesmente ignorava deus e a torre e o tumulto de línguas que se seguira à destruição.

E a vida foi seguindo. As pessoas conviviam mais, e uma nova língua se foi fazendo ali, uma língua comum a todos que ficaram. As pessoas viram o fogo e a chuva, e o trovão e o campo dourado, e passaram a adorar o deus do fogo e da chuva, o deus do campo e da casa, e novos rituais foram se construindo, e novos templos foram erigidos. Apareceram pela cidade outros povos que ora saqueavam, ora vinham comprar, ora apenas bebiam da água e do vinho, comiam do pão e do

queijo. Era preciso defender a cidade, e alguns começaram a construir novos muros e se prontificaram a proteger a cidade.

Alguns estrangeiros ainda perguntavam o que era aquela construção abandonada. Os que lembravam contavam da torre, os que não se lembravam inventavam novas histórias. Nem os estrangeiros entendiam o que eles falavam, nem eles se preocupavam muito com isso. As novas histórias sobre a torre se tornavam lendas, e nascidas novas gerações já ninguém lembrava quem tinha construído a torre, quem tinha morrido em sua destruição, nem como nem por que a torre tinha se desfeito. As crianças continuavam a brincar na torre, as pessoas se entendiam em sua nova língua, e os pais ensinavam aos filhos como fazer o vinho, e tosquiar as ovelhas, e costurar a roupa. Mas já não falavam da torre e assim sua história morreu.

As pessoas vinham a babel e gostavam da gente de lá, e outros povos iam se incorporando à cidade e a chamavam por outros nomes, até o nome babel ser esquecido. E a torre já era chamada de velho ginásio, e lá as crianças brincavam e corriam e perdiam-se e riam-se.

III

Babel estava velha. Seu homem já tinha morrido de há muito, seu filho em uma tempestade não voltara com as trocas pela colheita que levava a negociar. Ela vivia com seus netos e bisnetos e tataranetos, a casa grande cheia de crianças a correr e a comer e a balbuciar. Ela se ria dos balbucios dos pequenos, as tentativas que lhe lembravam os começos da língua comum, quando os sons raspanetes de seu filho lhe pareciam riscos no ar, quando os chiados de seu homem lhe pareciam as folhas de outono, e seu amigo era o único a não balbuciar, o único a falar coisa com coisa, a fazer sentido em seus ouvidos e a lembrar que as línguas tinham sido um castigo, tinham sido a raiva de um deus invejoso, invejoso dos homens a subir aos céus, invejoso dos homens que trabalhavam juntos e se riam

e bebiam e comiam e festavam e se amavam. Sim, devia de ser um deus muito só, desses que não sabem que são sós, que vivem sozinhos por tantos anos que já se esqueceram que não precisa ser assim, que acham que apenas sozinhos podem continuar a viver e a criar e a existir. Desses que não sabem que estar só é a pior maldição, e acabam se comprazendo na solidão como quem festeja, como quem acha que o outro impede, o outro fecha os caminhos, quando é exatamente o oposto.

Ah, e que saudade de seu amigo. Ela se acostumara com a língua comum, a língua que trazia de tudo um pouco, o chiado, o rascante, o quebrado, as diferentes ordens, as palavras se encavalando, as palavras soltas e as palavras fechadas. Mas faltava-lhe poder falar do sol que se punha a cada dia, das gentes, das cores, ela a cada dia que passava se via faltando a palavra exata, aquela que diria exatamente da lua que nascia redonda na montanha, ou da dor profunda que só ela sabia, porque só a sua palavra perdida a podia dizer, ou montar a frase como um rio escorrendo pelas pedras, e não quebrado, e não pulado, e não claro, e não elegante, não, o rio nas suas palavras, e que era o rio como devia de ser, o rio que corria diante de seus olhos levando as tristezas e as mágoas e as saudades tão grandes.

Fazia-lhe falta conversar com seu amigo, o mendigo da porta do templo, e que sabia por que tudo ocorrera, e pensar que ninguém senão eles sabia que deus tinha feito aquilo, o deus que se julgava único, o deus que se achava só. E que era só. Porque só um deus que é só podia fazer aquilo. Só, sozinho.

E agora ela subia a torre. Ela, que nunca mais pusera os pés na torre. Ela, que só olhara de sua janela a torre ruir, ela que era babel não só no nome, ela que sabia que aquela torre não queria chegar a deus algum, aquela torre era apenas as gentes juntas e misturadas e tantas e fortes colocando pedra sobre pedra sobre pedra, elas que eram o construir, o estar próximas, o estar unidas pelo fazer, pelo colocar mais uma e mais uma e mais uma. Ela subia ao que restava da

torre, com cuidado, como quem sabe que cada pedra em que pisa é uma armadilha, ela que estava tão velha que nem mais contavam os anos, mas suas pernas ainda eram fortes e ainda andavam. Sim, havia coisas que não funcionavam nela, mas não suas pernas. E não sua cabeça. Ela ainda pensava, e quando pensava era na antiga língua de babel, ela que mantivera a língua, ela que em sonhos conversava com seu amigo para não perder a língua. Ela que se soubesse os mistérios da escrita teria escrito esta história. Mas ela não sabia, e então era em sua memória que se guardava a torre e a queda e o mais. Babel.

E ela subia, e era com esforço mas certeza, e mais um degrau, e mais uma pedra, e mais. E já o céu se descortinava inteiro, apenas mais uns degraus, e por dentro do segundo nível ela viu a pequena torre. E por lá ela subiu e lá estava ele, sentado em uma pequena mureta que se mantinha no alto. Olhando. E se lamentando.

Eles me esqueceram, eles se esqueceram da torre, eles têm uma nova língua comum. Eles vivem outra vida, eles de nada se lembram. Eles plantam e colhem e trocam. Eles casam, e têm seus filhos e seus filhos têm filhos e netos e bisnetos. Ninguém se lembra de babel, ninguém se lembra da torre, ninguém se lembra de mim, ninguém se lembra do que fiz, ninguém se lembra por que fiz, ninguém.

E babel concordou: “E não há mais torres para destruir. Ninguém mais querendo chegar aos céus”.

sarai (verão)

Esse ano não chovera. E olhando a terra, viam-se os sulcos cortados ao sol, os gomos de terra pegados em si, e a pele ressecada das gentes e dos bichos, os rios sem água, os impossíveis lagos sem peixes. As tâmaras e figos e romãs e uvas e azeitonas murchavam no pé e o trigo e a cevada secavam no campo como um dia a barriga de sarai estaria seca. As pessoas rezavam pela chuva que não viria, e a terra se convertia em seu destino. O deserto crescia.

Avram não tinha muito o que pensar. Era jovem ainda, mas o povo dependia dele. Os homens, as mulheres, os animais. A chuva com certeza não mais viria. E mesmo que viesse, já seria tarde demais. A colheita já se perdera, e as pessoas começavam a discutir por qualquer grão. Mais um pouco, e começariam a matar por um pedaço de pão velho ou um gole de vinho. Algo tinha de ser feito.

Foi então que avram resolveu que o único a se fazer era descer para o egito. Lá o grande rio se encarregaria de irrigar a terra, e garantir que a fome não dizimasse seu povo. E avram juntou seus servos e servas, seus jumentos e vacas e ovelhas e seu sobrinho e seu povo e sarai e rumou para o egito. E eu, como bom servo, e também faminto, segui com avram.

Não foi uma decisão fácil. Nem todos estavam de acordo com a mudança. Afinal, se deus havia dito que canaã, a terra do leite e do

mel, a terra prometida, nos acolheria e alimentaria, por que nada brotava da terra, por que a chuva que não caía? Se nos prometera a terra, com certeza nos prometera o fruto, pois que era esperar e receber. Avram viu que precisaria convencer o povo, e tanto fez que convenceu a todos de que deus prometera a terra mas não o fruto, prometera o lugar mas não o pão. E que melhor era ir atrás da sobrevivência que esperar de mão beijada o que deus se esquecera de dar. E assim partimos.

Às vezes penso se é mesmo o melhor ser eu um servo de avram. Como servo posso entrar na casa do faraó, posso compartilhar a refeição com avram, posso estar presente a todos os grandes acontecimentos na vida dos homens, ver avram recebendo os enviados do grande faraó, ver avram tramando a sua salvação. Posso muito. Mas não posso penetrar a mente de sarai, não posso saber como vive essa mulher o drama de ser tão bela e tão usufruída, não posso ser empático e condescendente, serei sempre um servo e um homem, e também estarei tramando com avram um meio de prolongar a vida de meu líder e senhor. Mas que seja, por ora sou o servo de avram e conto sua história.

Partimos servos e servas, ovelhas e vacas, jumentos com os últimos mantimentos. E sarai. Sarai não era apenas a mulher de avram. Sarai era a mulher dos sonhos de todos nós. Olhando bem o rosto de sarai, não se via uma mulher bonita. Os traços não eram perfeitos, o nariz um pouco curvo, os olhos pequenos. A boca pequena e bem traçada, e os longos cabelos negros caindo pelos ombros. Mas havia uma graça que não se encontrava em nenhuma outra mulher de nossa tribo. E os seios apontando os céus, despertando o desejo de todo ser vivente. Ver sarai dançando era contemplar o paraíso, era sonhar acordado e ver além.

Avram bem sabia de tudo isso. E sabia que homem algum de nossa tribo ousaria enfrentá-lo e deixar transparecer o desejo. Mas agora iam para o egito, terra do faraó, terra em que seu poder se esfarelaria, e se perderia sem dó. Avram matutava, e era novo ver a

avram ensimesmado, silencioso, ele que estava sempre a falar, a festejar, a rir e a gracejar. Avram estava calado, e todo o povo se punha como ele calado, esperando.

A caminhada era longa e demorada. Deixando o campo para trás, a paisagem se punha cada vez mais seca e a areia penetrava em nossos olhos. A pele ressecada, os olhos em fogo, as pernas exaustas. Por vezes um oásis salvava nossos dias, mas era raro, e a água era difícil de se encontrar. Algumas reses ficaram pelo caminho, outras se perderam. Mas seguíamos.

Até que um dia avram não se aguentou mais. E chamou sarai:

– Mulher, você sabe que vamos para o egito, não?

– Pois que sim, para onde mais?

– Terra do faraó. Terra do poder.

– Pois que sim.

– Pois que você é tão formosa, e tão bela, e tão linda. Todos os homens da tribo te cobiçam. Mas me respeitam. Já o faraó nada me deve.

– E aonde você quer chegar com essa história?

– Se o faraó te cobiçar, não me poupará. Minha vida vale um nada para ele. Mais vale dizer que somos irmãos. Assim, minha vida será poupada, e quem sabe mesmo algum favor ainda levo na história.

Sarai concordou. Não sei o que passou pela cabeça de sarai. Não sei se concordou pelo velho hábito de concordar. Não sei se atinou com as consequências do que avram falava. Fez que sim com a cabeça, e seguiu com seus afazeres. Como uma boa mulher.

Pois agora, mais rápido do que pensava, é chegada a hora de deixar de ser o servo de abrão. Sim, contei a história como servo. Mas um servo não penetra no quarto de uma mulher, um servo não cozinha e lava e arruma, não senta e conversa as miudezas e os segredos e os desejos e as tristezas. Um servo é um companheiro, mas não de sarai, não da mulher que abaixa a cabeça e concorda, e não pode atinar o sentido e a razão, os porquês e os portantos.

Assim que é chegada a hora de tornar-se a serva de sarai, aquela que acarinha e acaricia e consola e reclama e exige e aceita.

Fez que sim com a cabeça, e seguiu com seus afazeres. Como uma boa mulher. Mas que raios é uma boa mulher? Quem concorda com um ato desses, sem pesar até o fim o seu sentido? Ele vai te deixar nas mãos do faraó? Vai fazer as vezes de irmão? Vai ser teu gigolô? Não vai te defender? Que raios de marido é esse? Avram, o justo? Avram, o bondoso? Avram, o temente a seu deus? Você não vê o que ele está fazendo? Como, abaixar a cabeça e concordar?

Foi o que eu disse a sarai. Que me olhou nos olhos e apenas comentou:
– Tudo tem seu sentido.

A caminhada pelo deserto se tornava cada vez mais pesada. Meus pés já não se aguentavam, lascas de pele pelo caminho. Quase todos éramos bastante jovens, e encontrávamos um resto de força para cantar e gracejar. Eh, minha velha, não vai aí um achegozinho? Teu corpo cansado não precisa de um carinho, não? Ríamos da vontade alheia, todos sabendo que nenhum corpo teria forças nem para um chegar-se no calor infernal, que dirá para algo mais. Cruzamos o pequeno mar por um vau e ainda havia o que andar. Até chegarmos ao egito, até chegarmos ao verde e às frutas e ao pão e ao vinho.

Por todo esse tempo tentei falar com sarai. Não me chegava bem seu silêncio, e sabia que algo se passava com ela. Mas sarai falava da comida por fazer, da tenda por armar, da roupa por lavar se acaso encontrássemos água. E se eu tocava no nome de avram, ela desdizia e voltava às lidias diárias, da longa viagem e que tais. Vi que comigo não falaria, tentei outras mulheres à sua volta. Nada. Sarai se fechara e nada falaria.

O egito era grande e barulhento. O mercado liberava seus cheiros de zaata e cominho e canela e açafraão e cardamomo. A língua era um idioma arrevesado, como se houvessem retorcido nossa língua e dela sobrasse um líquido forte e áspero a nos esperar. Mas não tínhamos muito o que fazer no mercado, pouco tínhamos o que trocar, e pouco

tínhamos com que comprar. Avram foi bem claro – que procurássemos cada um o que fazer, que encontrássemos um encosto, um trabalho, um afazer. Precisávamos sobreviver, e pouco nos restava.

E assim cada um foi mostrando o que sabia, as sandálias, as roupas, as panelas, as portas, as mesas e cadeiras e toalhas e véus e compostas e perfumes. E cada um foi encontrando algo com que sobreviver e se ocupar. Mas a ninguém passaram despercebidos os olhares. Por onde íamos, os olhares nos seguiam, e todos sabiam o que buscavam. Sarai. Antes de tudo. Todas nós éramos bem mais altas que o povo de lá, e sarai despontava por entre nós, e seus cabelos ao vento, e seu andar diáfano extasiava homens e mulheres, que só sabiam de sarai. O olhar de avram era pesado, e se voltava ao chão, e para todos nós era estranho ver avram encolhido, curvado, perdido. Nós que conhecíamos outro avram e havíamos vivido em outra terra e outros tempos.

Sim, tenho de voltar a ser o servo de meu senhor. Os acontecimentos que se aproximam são assuntos de homens. Homens que decidem e tomam rumos, homens que resolvem e não enveredam por sentimentos e dores e tais. Homens que vivem praticamente. Decisões que têm de ser tomadas.

Nós que conhecíamos outro avram e havíamos vivido em outra terra e outras bases, sabíamos que era uma questão de tempo. O faraó ouviria falar de sarai. Viria vê-la ou a levaria a sua casa. Algo estava por acontecer. Mas por ora cada um procurava ou encontrava trabalho, e a pouca comida que chegava às nossas tendas era consumida por todos. Sobrevivíamos, e seguíamos a faina.

Não tardou muito aos soldados do faraó chegarem a nossas tendas. Deixaram claro que não nos incomodariam. Queriam apenas convidar sarai à casa do faraó. Sarai e suas servas, é claro. E seu irmão, como avram nos incumbira de espalhar aos ventos. Avram sabia que era chegada a hora. Tomou de sarai e suas servas, e comigo sentou e explicou. Que tomasse conta de sarai se preciso fosse. Que cuidasse que não a maltratassem. Que matasse se preciso fosse. Mas

que deixasse sempre a sarai o poder de decidir. Sarai sempre saberia o que fazer. E nós fomos à casa do faraó.

Sarai banhou-se longamente. Como se a água pudesse limpar a covardia de abram, como se um corpo limpo pudesse lavar a cupidez de abram. Deixar escorregar a sujeira acumulada por abram. Sarai evitava meus olhos, evitava minha voz e meu cenho fechado, evitava meu olhar reprovador e acusador. Eu, apenas uma serva.

E nós fomos à casa do faraó. Em nossa terra não havia palácios. Quase não havia casas. A maior parte de nosso povo vivia em tendas, e podíamos nos mover rapidamente sempre que preciso. Jamais apegar-se por demais à terra. Jamais amarrados à terra. Ao menos até então.

O mundo da casa nos era estranho. Dos palácios ainda mais. Aos nossos olhos, tudo era suntuosidade na casa do faraó. Os ambientes espaçosos, a sensação de pátio sempre, do espaço público pertencente a todos mas de fato sendo a casa do faraó. Com certeza em algum lugar esconder-se-iam os quartos, onde as mulheres teceriam seus fios, onde os homens cuidariam de suas armas, onde o privado teria seu lugar e o cheiro de corpos suados preencheria o ar. Mas nós só víamos as grandes salas, salas onde se falavam, com enormes tapetes a proteger os pés, salas onde se comiam, e mesas compridas se misturavam com longas filas de almofadas, e em todas elas pessoas comiam carnes e queijos e vinhos e verduras e frutas que em nossa vida frugal de quem foge da fome lembravam um banquete eterno e irreal.

Íamos sendo levados de uma sala a outra e em todas as cenas se repetiam, pessoas comendo, rindo, cantando. Como se a festa eterna se transplantasse de cômodo a cômodo, e apenas as pessoas se alternassem em seus papéis. Até chegarmos a uma sala bem maior que as demais, e também lá as pessoas sentavam-se e comiam e bebiam e falavam alto e riam. Ao centro havia uma mesa mais larga que, ao que parece, estava lá a nos esperar. Abram e sarai, três das servas e eu nos acomodamos nessa mesa. As demais servas foram levadas para um outro cômodo e nós as perdemos de vista.

No centro da mesa estava o faraó. Era um homem vistoso, e jovem, bem mais jovem do que pensávamos. A pele escura, os olhos desenhados e perscrutadores. Algo insidioso e paradoxalmente confortável emanava de seu olhar. A avram sentaram ao seu lado e os dois puseram-se a conversar animadamente. Eu olhava e nada falava. Meu papel ali era apenas estar presente e eu o cumpria. Aproveitei para olhar para sarai. Estava livre para olhar, pois que era minha incumbência. Pude ver que ela furtivamente fitava o faraó, mas nada pude ler na sua expressão. Um véu indecifrável cobria a sua face e me deixei contemplar a expressão vazia de seus olhos. A serva que se sentara à sua direita, por seu lado, não conseguia disfarçar uma expressão de contrariedade e, mesmo a comer desairadamente, mantinha o olhar de censura. Passei os olhos pelos outros convidados. Homens e mulheres, todos bonitos e saudáveis, todos alegres e leves. Sim, o faraó sabia se cercar de pessoas bonitas e agradáveis ao olhar.

A ceia chegava ao fim. E com ele os destinos se traçavam. Avram saiu da casa do faraó repleto de ovelhas e vacas e servos e vinhos. Eu fui levado ao meu aposento. As servas aos delas. E sarai ao seu.

Pois que então este é o meu quarto. Este é o quarto de uma serva no egipto. Eu, que sempre morei em tendas, que sempre tive o céu por companhia, o campo por vizinho, a montanha por horizonte, estou aqui, cerrada por paredes e tetos e chãos. Sim, é um grande quarto, em especial para uma serva como eu. Mas o que me separa de minha senhora não são mais que panos quase transparentes, e por entre os panos posso ver minha senhora enfim soltando-se, enfim derramando as primeiras lágrimas, as que deviam estar guardadas, engasgadas há muito, escondidas de tudo e de todos.

Pergunto a sarai se quer conversar. Sarai me olha novamente sem expressão e me pede para ajudá-la a banhar-se. Encho a grande tina com água que trago de outro cômodo não muito distante, e ensaboo a pele macia e branca de sarai. Sarai segue com sua expressão vazia, e comenta a ceia, as roupas, a casa. Tenho vontade de chorar e berrar, mas me controlo, pois sei que minhas palavras agora já não teriam

serventia para sarai. Ajudo-a a vestir a túnica, escovo seus cabelos, e me retiro para meu quarto do outro lado dos panos.

É já bem tarde quando o faraó chega. Chega sozinho, sem nenhum de seus servos. Sarai está já deitada, com sua túnica e o corpo coberto. O faraó a admira sob a luz da lua cheia que penetra pela janela. A expressão de sarai voltou a ser de gelo, nada diz, nada fala. O faraó caminha até a cama, senta-se ainda a admirá-la. Descobre o corpo, retira a túnica com uma delicadeza inesperada. Os seios de sarai acordam e brilham na semiescuridão. O faraó acaricia seu corpo como que adorando a uma divindade, e a possui no silêncio da noite. Por toda a noite.

E assim na outra noite e na outra e na outra. O faraó viciara-se no corpo de sarai. Não lhe importava o que as outras mulheres falavam, não lhe importava as importantes questões do egito. Seu dia era a espera da noite de sarai, do corpo branco e úmido de sarai, dos seios excitados e pedintes de sarai.

Avram vinha à casa do faraó e voltava para as tendas tomado de presentes. Seu gado crescia, o povo comia bem, o número de servos aumentava. Avram estava rico. Mas avram estava mais e mais curvado. Não sorria, não sentava para beber um vinho e jogar conversa fora com seus homens, contar histórias de quando era garoto e sumia no mundo. Fazia seu trabalho, resolvia os problemas de seus homens, cumpria suas obrigações, mas nada mais. Quando vinha à casa do faraó, vinha falar comigo, mas nada perguntava. Cumprimentava, contava de nosso povo, e só. Quando parecia que a coragem chegaria para perguntar, dava meia volta e se ia. Eu tinha pena de abraço, de seu sacrifício, mas nada podia fazer. Era meu senhor e a ele eu devia obediência. E só poderia ajudá-lo se quebrasse minha promessa. O que jamais faria.

A história terminaria por aqui. Tragédia, sim, mas discreta. Avram rico e silencioso, Sarai na casa do faraó também em seu silêncio. Não fosse a minha interferência. Sim, também sou um servo de um senhor. Mas não de avram, embora as más línguas o digam. Sou o que alguns chamam de emissário, outros de anjo. Outros me chamam ainda por nomes piores. Bem, cumprio o meu papel. É verdade que como um bom servo discuti bastante com meu senhor. Afinal, que culpa tivera o faraó? Vira uma bela mulher, tomara-a para si. A mulher não fora consultada, é verdade. Mas assim eram os tempos. Pior tinha sido o papel de avram. Afinal, ele que enganara o faraó. Ele que dissera que sarai era sua irmã. Por que castigar o pobre do faraó? Bem, de pobre não tinha nada, mas afinal tinha entrado de bobo na história.

Meu senhor não quis saber de minha argumentação. Ele era o deus de avram. Ponto. Avram lhe adoraria por todo o sempre, e isso lhe dava os pontos de que precisava. O faraó tomara uma mulher casada. Era culpado portanto. Mesmo tendo sido enganado. O ato pecaminoso era dele. Só dele.

Eu desisti da lógica. E como bom servo, cumpri meu papel.

E só poderia ajudá-lo se quebrasse minha promessa. O que jamais faria. Mas não precisei. Não precisei quebrar minha promessa. Sarai nada me pediu, sarai nada me ordenou. Mas um poder mais alto se levantou.

Naquele dia, quando os pastores se encaminharam para os estábulos, todos os novilhos estavam mortos. Todos. Não sobrara nenhum para contar a história. Todos os sacerdotes foram reunidos, e horas e horas se passaram sem que nenhum veredito fosse dado. Era apenas um fato – somente as reses mais velhas sobreviveram, e a morte dos novilhos apontava para o fim do gado, pois que não se daria renovação. E claro que ninguém pensou assim no mesmo momento, pensaram que novos novilhos nasceriam, e cresceriam, e se reproduziriam. Mas os dias foram passando, e todos os novos novilhos natimortos apontavam para outra direção.

Depois foi a vez dos campos. Todas as uvas secaram, todas, absolutamente todas. Mesmo com a água do rio que levaram em canais construídos às pressas, atabalhoadamente.

E então a água do rio. A água que era a vida do egito começou a correr vagorosamente, e já se viam as margens baixando e o fundo do rio aparecendo. Dessa vez todos os sacerdotes de todos os cantos do egito foram chamados, e eu resolvi que era chegada a hora. Apresentei-me a um sacerdote não muito ranqueado da fronteira oeste, expliquei bem a história e falei que a solução era bem simples. Ele me olhou nos olhos. Viu que era mesmo a única saída e se foi.

Não foi difícil ao pequeno sacerdote convencer os demais. Não havia nenhuma outra explicação, não havia contenda. Todos sabiam do poder de meu deus, não era nenhum segredo. Os sacerdotes escolheram entre si um jovem e um velho sacerdote para levar a nova para o faraó.

Mas por que minha casa é castigada? Que fiz eu de tão errado? Tomei uma bela mulher para mim, a irmã de um exilado. Que mal há nisso? Não recompensei o irmão? Não o cobri de agrados e riquezas? Que culpa tenho de ser ela casada? Que culpa meu povo tem? Que deus é esse que castiga quem não sabe e redime o mentiroso? Sim, todos esses argumentos eu já havia apresentado a meu senhor. Se ele não ouviu de minha boca, não ouviria da boca do faraó, um mero brinquete em suas mãos. Meu senhor apaixonara-se por avram. Por sua fidelidade. O faraó poderia chorar, suplicar, implorar. Nada mudaria. Eu conhecia meu senhor, sua teimosia, sua fidelidade aos pequenos pecadores. Nada a fazer. Eu poderia tentar consolar o jovem faraó, explicar. Mas nenhuma explicação ajudaria. Porque ele estava perdendo sarai. E mesmo um anjo como eu podia entender seu desespero. Ele estava perdendo a mulher mais formosa de seu tempo, o ninho mais quente, o calor mais pungente. Era o amor ao seu povo ou o amor a uma mulher. E ele era o faraó.

– Vai-te embora do egito, com teus servos e servas, tuas ovelhas e tuas vacas, teus jumentos e teu povo. E leva tua mulher contigo.

Nós nos entreolhamos e voltamos a fitar avram e sarai. Éramos apenas um servo e uma serva, éramos apenas os que aconselhavam mas obedeciam, éramos apenas.

Mas ela, a serva, jurou ver a lágrima furtiva formar-se nos olhos de sarai e evaporar-se. Eu nada vi. Sarai voltou à sua expressão enevoadada, e avram partiu na frente, nós atrás e por fim sarai. Que se voltou e deu um último olhar para a casa do faraó, e voltou o olhar para a frente. Já então talvez não mais sarai. Talvez antes de seu tempo sara. Sara, a mulher de avram, a mulher do patriarca, a mãe de isaac.

sarai (outono)

Sarai não era mais a jovem que enfeitiçara o faraó. Mas tampouco era minha senhora uma velha. Sarai para todos estava no auge de sua beleza. Uma beleza madura, feita de curvas e voltas. Não mais o bichinho diáfano que enlouquecia os jovens e embevecia os velhos. Mas a mulher em sua plenitude, a mulher ciente de si, de seu corpo e de seu poder. Não, essas palavras eu não as pronunciaria jamais, ninguém jamais ouviria eu falar de sarai. Respeitava meu senhor e também sua força, mas não era possível deixar de admirar sarai. Deixar de ver seu corpo a um só tempo imponente e misterioso, promessas que jamais se cumpriram em nossas curtas vidas.

Mas é claro, havia um mas. Sempre há. Quem tivesse o tempo e a coragem de admirar seu rosto, veria um ricto amargo à volta de seus lábios, quebrando o sorriso ora pleno e intenso. Sarai não era feliz, sarai estava seca, seca como as azeitonas relegadas ao vento, seca e vazia. sarai e sua barriga seca como os rios no verão, como os falsos lagos e a pele das gentes no longo verão.

Sei que não sou o mais indicado para contar essa história. Mas sinto que é também a minha história. Meu amor por sarai sempre esteve ali, da mesma forma que para sarai nunca fui mais do que um servo. Fiel, amigo, presente, mas um servo. Mas quem não amou sarai? Qual de nós poderia ousar recusar um olhar de sarai, um carinho de sarai, um

aconhego? Quem, se recebesse a menor esperança que fosse, não se viraria contra avram e lutaria contra todo o povo por amor daquela mulher?

Não, todas as histórias de sarai são minhas histórias. Por mais íntimas e privadas e pessoais. Sarai é minha história.

Como os falsos lagos e a pele das gentes no longo verão, essa terra vivia. Mas não agora. Agora era o tempo da colheita das azeitonas. As mulheres andavam por entre as árvores, batendo com seus longos paus nos galhos, e pelo chão se estendiam enormes panos tecidos ao longo dos anos, e utilizados durante o ano como tendas. Por sobre os panos centenas de pontos pretos e verdes pipocavam, e crianças corriam alegres por entre as azeitonas, entoando velhas canções, empurrando, rindo, zoando. O verão já tinha se ido, o inverno ainda não chegara, uma ou outra chuva caía limpando o ar feliz de outono.

Hagar sentia-se bem naqueles tempos. Ser a serva de sarai não era muito difícil. Agradava-lhe trabalhar na colheita, sentir o sol na pele curtida, o cansaço gostoso do trabalho físico, o cheiro de terra molhada após a chuva. E sarai lhe queria bem, sempre lhe perguntava se sentia falta de sua casa, de seus pais, de suas irmãs, de sua terra. E a verdade é que não sentia. Suas irmãs eram invejosas, invejosas de sua beleza, de sua juventude, de seus mimos. Nascera bem depois de todas elas, e elas já casadas, com filhos e maridos exigentes, sentiam raiva daquela irmã tão leve, tão irresponsável, tão à toa. Seus pais estavam velhos, e gastavam mais o tempo se queixando de suas dores. Melhor ter vindo para essa terra. Serva por serva, aqui ao menos servia a sarai e avram, que não lhe incomodavam, deixavam-na trabalhar, tratavam-na bem, e o tempo que lhe sobrava podia festejar e divertir-se. Sim, a terra era seca, mas também seu egito era seco, viera também ela do deserto e sentia-se em casa, numa casa bem mais acolhedora do que a que deixara.

Não, hagar nunca me agradara. Havia algo de pedante naquela menininha diz que leve e irresponsável. Um nariz para cima, uma prepotência escondida. Pode ser que pense assim depois que tudo aconteceu. Pode ser que a fidelidade à minha senhora me veja ver hagar assim.

Mas também eu sou uma serva de sarai, e uma serva que a acompanhou no egito, que a viu sofrer sem se deixar ver sofrer, que a viu gelada e a viu florescer, e a viu derramar-se em lágrimas, que a viu nas mãos do faraó e a viu voltar com abirão, eu, a serva que a acompanhou por toda essa primeira vida podia ver que hagar não traria nada de bom a sarai. E, é claro, tive que adverti-la.

– O que você vê nessa garotinha? Há algo que não me apetece em seu jeito sonso.

– É só uma menininha, alegre e divertida como um dia eu também fui. Veja como corre por entre as azeitonas, como se fosse uma das crianças. E trabalha bem, não reclama do peso, do esforço, da lida. Pelo contrário, parece que quanto mais exigem dela, mais faz. O que você tem contra ela?

– Não gosto do seu jeito com os moços. Muito solta, muito dada. Parece que nada lhe trava, nada lhe incomoda. Que o mundo é perfeito, que todos são bons. Ainda vai quebrar a cara, e nós que vamos ter que segurar o que virá. E veja como os homens a seguem, mesmo se vendo que não é nenhuma beleza.

Parece que algum efeito minhas palavras surtiram em sarai. Alguma ideia pareceu formar-se em seu cenho, e seu rosto se alterou seguidas vezes. Fiquei esperando ver o que falaria, mas Sarai que-
dou-se a pensar, como se a ideia brotasse e fosse aceita e expulsa e aceita e expulsa e aceita e expulsa.

Aceita e expulsa e aceita seria talvez um bom mote para hagar. Mas tudo ainda estava por se passar. Hagar era uma boa amiga, e eu como homem não tinha muitas amigas. Havia algo em hagar que deixava os homens à vontade, não só para abraçá-la e correr com ela por entre as oliveiras, mas para sentar e falar do que em geral não se fala. Uma leveza espalhada no ar, uma compreensão inocente, uma compaixão. O que tornava ainda mais difícil minha tarefa. Como dizer a hagar do projeto de sarai? Como me desincumbir de minha tarefa sem macular sua

inocência, sem estragar nossa amizade? Eu me perguntava por que sarai pedira a mim para falar com hagar. Por que não pedira a uma mulher? Mulheres sabem falar melhor. Não, na verdade sarai sabia que eu saberia explicar melhor que qualquer serva. E sabia que seria discreto, não sairia a consultar amigos ou amigas, não deixaria a história correr aos ventos e perder a força de história virgem. Sim, sarai sabia a quem pedir, era a sua grande arte, e aqui estava eu a torcer e retorcer meus pensamentos e a buscar as palavras que não me vinham.

Corríamos colina acima. Era cedo ainda, mas os dias se faziam mais curtos, e o sol tingia o céu de fortes tons de laranja e não era possível deixar de admirar as sombras das oliveiras no campo contra a luz. Sentamos à sombra de uma oliveira desgarrada e nos pusemos a olhar uma lavandisca perdida por ali. Como eu.

Hagar viu uns lilases, colheu, pôs nos cabelos e olhou para mim. Fala.

E eu falei. Atabalhoadamente, sem parar para respirar, sem olhar nos seus olhos, fui despejando as palavras de sarai, a ideia de sarai, o veredito de sarai. Sabendo que provava minha fidelidade maior à mulher que amava, que passava por cima de minha amizade a hagar com aquela proposta indecorosa, que traçava o destino de hagar e arrancava sua inocência, que a menininha que corria pelos olivais estaria perdida para todo o sempre.

– É só isso? Pois que aceito, sim. Bem, teria de aceitar de qualquer jeito, não? Afinal, sou apenas uma serva por aqui. E me apeetece ter um filho de avram. Se sarai não o pode ter, terei eu. Que avram tenha seus descendentes. E que seja eu a mãe de seu filho. Sim, me parece bem. É sempre ser mãe, é sempre ser mãe de um filho rico e bem tratado. Me parece muito bem.

Eu não acreditava no que ouvia. Só mesmo a inconseqüência de hagar a poderia fazer falar assim, aquela menina que não tinha a menor ideia do que era ser mãe, do que era ter um ser a depender dela, do que era cerrar seu destino por todo o sempre.

Mas hagar já corria colina abaixo, perseguindo uma borboleta ou um grilo ou o que quer que fosse que lhe chamava mais a atenção do que a louca ideia que sarai tivera.

Não me parece bem continuar a contar essa história. Não por ora. Não em seus detalhes. Não me apetece colocar em prática a ideia de sarai. E a ideia estranha da mulher que sempre amei sendo realizada por uma de minhas poucas amigas. Não me parece justo. Então deixo a hagar o papel de contar sua própria história. É ela também uma serva, tem também ela o necessário olhar enviesado. Mesmo tendo protagonizado a história. É ela também à parte, também de lado. Que conte.

Não me parece nada tão estranha a ideia. Não sei por que ele se incomodou tanto. Afinal, avram é um bom homem, terei um filho que será bem cuidado, amparado por toda a vida. Bem que estava bonitinho todo envergonhado tentando me contar. Como se lhe doesse ter de me fazer passar por isso, como se tivesse que se esforçar para me convencer. Como os homens são estranhos. Com que então não sabe que ter um filho é sempre o sonho de toda mulher? E eu sou uma serva, por bem ou por mal isso se passa a todas nós. Melhor que seja por bem, melhor que seja com meu consentimento. Ao menos saberei sempre quem é o pai de meu filho, saberei sempre que ele está por perto, que meu filho terá com quem contar, que terei alguém para cuidar de mim quando minhas forças falharem. Sim, me parece uma ótima proposta. Preciso apenas pensar se devo ou não enviar notícias, contar o que está por vir, ou o que não. Não, melhor não. O vínculo está mesmo cortado, que importa a elas o que se passa comigo. Estão felizes que me fui, não precisam se olhar nesse espelho retorcido, melhor deixá-las em suas vidas de família, eu que também terei minha família, meu filho, meu tudo.

Não me parece bem que hagar tenha de contar o que se vai passar agora. Entendo que ele não queira contar, pois mesmo como servo lhe resta um tanto de consciência. Mas por que eu? Não estive presente, não vi o que aconteceu. Terei de contar a cena como a imagino. Não é justo.

Também a mim me dói toda essa história, mesmo não gostando nem um pouquinho de hagar. Mas sei que ela é apenas um dado inocente nessa história já escrita. Não é justo. Não é justo e eu o faço, porque assim eu sou, porque sou serva de sarai e de avram, porque assim são os servos.

A louca ideia que sarai tivera ia se realizar. E como a farsa recon-tada, hagar estava banhando-se. Não como sarai, não em seu silêncio. Hagar era a própria menina deslumbrada: encantava-se com os perfu-mes, jogava água nas demais servas, contava causos de colheitas e pas-seios. Parecia que seu destino não se jogaria em algumas horas – era apenas uma menina banhando-se em companhia das amigas, rindo muito e badernando. Aos poucos as servas amigas foram deixando-a só e hagar vestida em sua túnica branca entrou na tenda de avram.

E avram não pôde deixar de ver que era uma menina. Sim, o corpo formado, as curvas acentuadas, mas ainda assim. E sentiu um arrepio, um misto de prazer pressentido e pesar, e por um instante pensou que sarai estava completamente louca. E o instante passou, e avram convi-dou hagar a entrar e a deitar-se, e a despiu e a cobriu com seu corpo.

Sarai não pode resistir. Saiu de sua tenda e caminhou em silêncio para a tenda onde estariam avram e hagar. Os dois dormiam. Sarai olhou com carinho o ventre de hagar, e abençoou o filho de avram.

Três meses tinham-se passado, e já se podia ver a barriga de ha-gar. Ainda que fosse o filho de hagar, eu não podia deixar de me emocionar. Hagar estava linda. Hagar florescia. Sua pele perfeita de grávida brilhava ao sol, seus seios cresciam e seu corpo se arredon-dava docemente em seu sorriso perene. Mas era só olhar para sarai para ver que sarai se arrependera profundamente de sua estranha ideia. Sarai emagrecia a olhos vistos, suas curvas se tornavam me-nos acentuadas, seus ombros pareciam se encurvar. A volta de seus olhos sombras cresciam, e cada vez que mirava a barriga de hagar parecia que lágrimas iriam brotar. Lágrimas que nunca apareciam.

O tempo passava e hagar nada via ao seu redor. Só o ser a se formar em seu ventre. Não conseguia ficar calada. Não vê que ele está se mexendo? Veja, está me chutando! Coloque a mão, sintá. E a todos convidada a sentir seu filho, a tocá-lo e a abençoá-lo. Tão certa estava de seu filho homem, da descendência de avram garantida, de ser ela a que garantiria a continuidade. E sarai se comia por dentro, sarai emudecia e chorava por dentro.

Mesmo a sarai hagar se gabava. Será um lindo menino, não? Veja, a barriga está para a frente, não está redonda. Será um belo rapaz. Você será a madrinha? Será, não?

Sarai não conseguia acreditar na cegueira de hagar. Não podia ela ver como doía? Não podia ela ver como lhe torturava? Tudo o que quisera da vida, tudo que suportara, tudo o que passara, tudo que devia culminar em seu filho e de avram, estava lá uma serva realizando, uma menina boba e convencida, uma garota que nada fizera para tal. Esquecia-se sarai de que a ideia fora dela, esquecia-se que ela propusera, esquecia-se. Tudo o que via era um filho a crescer na barriga de uma outra mulher que não ela.

E sarai já não podendo mais me enviou a falar com hagar. Que fez pouco caso: como, ela que quis! A ideia foi dela! Esse é meu filho, meu filho e de avram. Eu pude conceber, não ela. Ela estava seca e quis meu filho, ela estava acabada e me quis grávida, pois agora que agente. A sua ideia. Só dela. Eu tenho meu filho, ela não tem o dela. Eu serei feliz, sempre. Eu tenho quem me ajude na velhice, eu tenho quem me proteja e me ame.

E sarai não pôde mais. Tirou hagar do serviço doméstico, para onde tinha ido para passar em paz sua gravidez. Hagar voltou ao campo, e sarai deixou bem claro que deveria trabalhar como as demais. Como os demais. E se acaso não trabalhasse deveria ser castigada como os demais servos. E se acaso ficasse a dormir deveria receber os golpes como os demais servos. E se acaso fraquejasse deveria trabalhar ainda horas a mais para fortalecer o corpo.

A todos pareceu desumano e todos entenderam. E hagar ficou a trabalhar no campo, e a barriga crescia e crescia. Os dias foram se fazendo mais longos, o trabalho mais pesado. Todos olhavam hagar com pena, mas sabiam que não podiam enfrentar sua senhora. Houve dias em que hagar não teve forças e a foram buscar na tenda, atendendo as ordens de sarai. Houve dias em que fraquejou e sentiu o pau em sua pele. Houve dias sem forças e sem remédio, até que hagar não pôde mais, e fugiu.

Se acho que sarai foi por demais dura com hagar? Por demais vingativa? Mas que mulher poderia ver o ventre de outra a crescer com o filho de seu homem? Que mulher poderia ver diante de seus olhos o corpo de outra arredondar-se, o ser crescer e refazer-se, e ela vendo-se seca e infértil? Quem poderia viver vendo o destino de outra agrandar-se e o seu se apequenar? Quem seria tão generosa? Não, não sarai, tão bela, tão humana, tão mãe em potência. Entendo sarai, não a justifico. Compreendo sarai, e mais que tudo a amo, como só amigas podem amar.

Sarai sentia-se mal. Não sabia de hagar, que fim levava, que fim levava o filho de abraão, por que bandas teria seguido, se teria sobrevivido ao calor, à sede, à fome. Doía-lhe saber que hagar poderia estar perdida por entre as terras distantes, por entre gentes estranhas, línguas estranhas. Que o filho de avram nasceria no desconhecido. Se acaso nascesse. Doía-lhe mas nada podia fazer. A dor era mais dor porque sabia que faria tudo de novo, pois que a dor desse filho da outra cortava-lhe a pele ainda mais.

Pois que agora me cabe contar. Sim, de novo eu, o servo de outro senhor, o anjo, o emissário, o que seja. Essas histórias sempre aportam alguém de fora, e nesse caso, sou eu. O deus ex machina se revela ser um servo. Sempre eu. Que nem sempre concorda, por certo, e que vira e mexe pensam ser eu o deus. Que não sou. Sou apenas um servo, contando essa história por ora.

Hagar não tinha ido muito longe. Encontrara uma fonte no deserto no caminho de shur, e por lá parara. Estava só, e sua barriga crescia. E tinha medo. Medo de parir sozinha, medo de dar à luz a

seu menino no meio do nada, medo de algo complicar-se e seu corpo não saber o que fazer. Encontrara o de comer e o de beber, e os dias iam passando, e seu medo ali. Olhava o sol que começava a queimar já, o fim da primavera se aproximando, a sua hora chegando. E se desesperava, em silêncio, pois que só.

Vi que era chegada a hora de me apresentar. Cheguei-me de mansinho, porque sei que assusto as pessoas. Mas hagar não se assustou. A solidão e o sofrimento não haviam tirado de hagar o jeito de menina e ela continuava tão espontânea e tranquila como sempre havia sido. Perguntou-me quem eu era, com simplicidade, e com simplicidade respondi, um anjo do senhor. E ela conversou comigo como quem conversa com uma amiga de infância, contou suas histórias e esperou pelas minhas. Percebeu que algo estranho havia em mim, e quando lhe contei algumas de minhas histórias, ela as ouviu como quem ouve histórias contadas à volta da fogueira, com o chá a acalantar nas chamas, com a paz de quem sabe que o fim do sofrimento se aproxima.

E assim foi. Disse-lhe para voltar a sarai e a avram, para submeter-se a sarai. Que também sarai sofria, que também sarai sabia do mal que fizera, que sarai tudo fizera por dor, por arrependimento. Hagar olhou-me sem acreditar, sem poder crer que aqueles eram meus conselhos, mas sabia que não havia nada a fazer. Sozinha não poderia ficar, sozinha não poderia criar seu filho, sozinha não sobreviveria.

E porque sei da força da sugestão, e porque sei que as coisas acontecem porque assim os homens resolvem, e porque sei que do momento em que hagar acreditasse, assim seria, resolvi dizer-lhe que seu filho seria um homem corajoso, e que lutaria com muitos e contra os seus e venceria e seus descendentes seriam muitos e se espalhariam pela face da terra, a semente de um grande povo. E hagar me disse que eu a ouvira, e eu lhe disse que meu senhor é que ouvirá sua aflição, e que por isso seu filho se chamaria ismael. E hagar pôs-se a chorar, e disse que eu era o deus que se vê, e que ela tivera sorte que me vira e ainda seguia viva, e eu sorri, e disse que muito

metaforicamente eu era o deus que se vê, pois que eu era apenas um servo, um servo de meu senhor, e que ela não era a primeira a pensar que eu era o senhor, mas que eu a perdoava, e que o que restava fazer era voltar e humilhar-se perante sarai, sarai que já sofrera tanto, tanto quanto ela, ou talvez mais.

Hagar disse que mais não era possível. Que mais que ela ninguém sofrera. E talvez ela tivesse razão. Mas não havia outro caminho, ambos concordamos. Hagar juntou seus trapos e seguiu de volta.

Pois agora eu volto a contar. O fim dessa história de sarai com hagar se aproxima, não de fato o fim, que esse nunca chega. Então posso voltar a contar, voltar a dizer do fim de certas dores e do continuar de outras. Posso contar porque meu amor por sarai é eterno, e o fim dessa história, que não é o fim, por estranhos caminhos me traz sarai de volta. Sem que ela o saiba, sem que ninguém o saiba, sarai volta para mim e eu a tomo e a pos-suo, de uma forma que ninguém mais a pode possuir. De um jeito só meu.

Hagar voltou. Foi um longo caminho de volta. Passou por aldeias povoadas e lugarejos abandonados, passou por campos e colinas, passou por parques rios e lagos. Por onde passava, as pessoas olhavam aquela mulher tão grávida, tão estropiada, e a convidavam a entrar, descansar, refazer as forças. Por vezes ela parava, comia algo, dormia em um canto. Mas os mais das vezes ela seguia viagem, pois se sabia perto dos seus.

E dias e dias após, sarai viu-a chegar e não soube o que dizer. Tudo o que pôde fazer foi correr a abraçá-la, correr a dar-lhe colo e carinho. Choravam as duas e se abraçavam, contavam do tempo que passara, hagar contou do deus que viu ou supôs ver, e sarai contou-lhe do sofrimento e da dor e da raiva, da raiva que passara, da inveja que passara, e de tudo o que ficara que fora um amor sem fim, um amor intraduzível e infinito. Um amor que englobava a criatura em seu ventre, e os filhos dos filhos dos filhos daquele ser indefinido e mínimo que se gerava.

E as duas mulheres se olharam e sorriram por fim.

sarai (inverno)

Sarai já não era sarai, era sara. E não era apenas uma troca de nome. Avram passara a ser avraham, e com isso viera um pacto, e o dever de cumprir um pacto, de obedecer a seu senhor, de ouvir a seu senhor. Avraham recebera algo, seu nome crescera por ter a preferência do senhor, por ser seu servo preferido. Sarai recebera a promessa de procriar, de ser aquela que faria a descendência de avraham, mas perdendo algo. Ser mãe era deixar de ser sarai, era abandonar o que fora até então, o pouco da leveza que ainda restara, a lembrança da moça atraindo para si os olhares, o amor das gentes, a eterna esperança. Sara não seria mais a possível amiga, a sarai compreensiva e sempre pronta a receber e a rir e a escutar. Sarai se transformava em sara, a mãe. Sara seria tão somente a mãe.

Vocês com certeza se perguntam por que sou eu, o servo do senhor, que inicio essa história. Sim, sei que meu lugar é sempre no fim das histórias, quando algo precisa se resolver e eu apareço, a solução ideal, o desenlace perfeito. Não a partir de agora. Essa é uma história que eu inicio, sou o responsável por ela, eu a crio e desenvolvo. Eu e meu senhor, é claro, que sou sempre um servo a serviço de um senhor, jamais crio por mim ou para mim.

Meu senhor resolveu que não me mandaria só a mim, para dar de novo as boas novas a avraham. Já lhe tinha aparecido de outra

feita, e boas novas é sempre bom dar de viva voz, olhando nos olhos e vendo o outro eternamente agradecido, contente consigo e com o mundo. Assim que fomos a ter com avraham, e eu e outro ser-vo mais, a acompanhar nosso senhor. Avraham que então já não era avram, pois que meu senhor já lhe aparecera, e já se incumbira de mandar circuncidar a todos os seus homens e meninos e servos, e perdendo algo do corpo ganhavam o favor eterno de meu senhor.

Estava quente, o calor como só o vento soprando do deserto pode criar, e nossas gargantas ressecadas pediam por água e sombra. Avraham tinha armado suas tendas na região das árvores, e a sombra deixava uma impressão de alívio, enganando os olhos e os sentidos. Ao nos ver, avraham prostrou-se sobre a terra, e nos ofereceu o que de beber e de comer. Rogou que ficássemos e não nos fôssemos, e que nos quedássemos sob as sombras, a lavar nossos pés e forrar nosso estômago. Meu senhor nos olhou e concordou, e ali ficamos a esperar.

Avraham correu a alertar sara, a dizer-lhe que tomasse três medidas da flor da farinha e nos preparasse bolos. E correu a apanhar um bezerro tenro e a dar ao criado para preparar. E tudo nos pôs diante dos olhos, com queijo fresco e leite.

Mas queríamos na verdade a sara, e esperamos que os bolos nos fossem servidos para ir ter com ela.

Minha senhora bem sabia o que o senhor e seus anjos queriam com ela. Que teria um filho e que a descendência de avraham seria dela. Mas quem pode acreditar nisso tendo já passado da idade? Quem pode pensar nisso tendo já cessado o incômodo das mulheres, sendo já uma mulher mais que madura, não se deitando já com seu marido, sendo os dois já velhos? Não podia se não dar a resposta que deu ao senhor, o riso que diz que há coisas que não se podem, o riso que diz que mesmo o senhor tem um estranho senso de humor, e que mesmo o senhor tem de atentar para as leis da natureza, e com uma mulher já seca já não se tem o que fazer. Que ela era estéril e assim seria, e estava consolada em assim o ser, e de mulher tinha muito mais que muitas

que por ali eram mães, mas isso não diria ao senhor, e não em presença de avraham, com quem já não compartilhava o leito de há muito.

Mas sara por um instante lembrou-se de que aquele diante de si era o senhor, que criara o mundo e suas leis, e que podia descriá-lo e desfazê-lo a seu bel-prazer, e assim negou o riso, disse que não rira, não, e de nada adiantou negar, pois que todos a haviam visto rir e que negara o poder do senhor de emprenhá-la e fazê-la mãe. Mas sara sabia que o riso de nada mudaria a história, se o senhor tinha resolvido que ela seria mãe, ela por certo o seria, e então voltou à sua tenda rindo ainda da previsão do senhor, pois que dali a um ano seria mãe, e o riso agora era outro, era o riso de algo novo se formando em seu ventre, algo que ainda estaria por se criar mas que viria.

Todos voltaram a contar essa história, mas não eu, não ainda. Eu, que estive sempre a olhar por sara, a vê-la deixar de ser menina, vê-la transformar-se numa mulher madura e bela, e soube amá-la por todo o seu caminho e além. E agora que havia aqueles que pensavam que sara estava velha, eu era o que sabia que isso não era possível. Sara não podia envelhecer, sara era a vida correndo, sara era o rio que se renovava, sara era a beleza que se refazia com o tempo. E assim sara estava ainda mais bela, e seu riso resplandecia por entre as árvores, mesmo sendo um riso de desprante, mesmo sendo um riso que ousava contradizer o senhor, era sempre o riso cristalino de sarai através de sara, e eu podia ver sarai ainda ali, seus últimos suspiros antes de sumir dentro de sara, e perder-se na nova mulher que se criava.

Sara seria tão somente a mãe. Era a isso que estava destinada agora. E passado um ano da vinda do senhor e de seus servos, sara deu a luz a itzhak. E o riso de sara era de novo cristalino, e seu amor era todo para seu filho. E previra sara que quem visse a itzhak se riria com ela, e a felicidade seria de todos. Seu filho seria querido por todos, e seria um descanso para os olhos e um prazer para os sentidos. Seu filho por onde fosse traria a calma e a paz que todos desejassem e iluminaria as tendas e indicaria os caminhos.

Itzhak crescia com a luz nos olhos. Não havia quem não visse, e sara se esquecia de si e do mundo, e apenas itzhak existia. Itzhak que falava com todos, de tudo. Itzhak que era querido pelo mais humilde dos servos, itzhak que era o sangue bom que vingara, o melhor que havia em sara e avraham, a redenção dos tempos em que ela era dita a irmã de avraham para poupar o marido, os tempos do faraó e de abimelech, os tempos em que era a alma avoadada e inocente que com tudo concordava, e os tempos em que sofrera calada e os tempos em que a inveja a comera. Itzhak era a luz a iluminar as noites longas de inverno e a inocência renovada.

E itzhak crescia e o amor de sara era infinito, e sara não via nada no mundo além de itzhak. Itzhak era o dia e era a noite, e o corpo de sara existia para itzhak existir, e sara já não se cuidava como mulher, já se esquecia de comer ou de não comer, e sara engordava e se largava, e sara já não conversava com suas servas e amigas, e sara vivia apenas para seu filho e seu amor sem fim.

Pois que agora tenho de voltar a contar. Pois que isso é entre mulheres. Algo difícil e nojento, algo errado e real, mas algo que ocorreu e ocorre nos tempos, que mulheres sabem e ora negam e ora vivem, mas algo existente. Algo que mulheres tampouco contam, tampouco assumem, mas algo que acontece e só nós mulheres podemos contar, se ousamos, quando ousamos.

Sara vivia apenas para seu filho e seu amor sem fim. E eis que aparece de novo hagar nessa história, hagar e seu filho, que nada mais tinha feito do que ter nascido. Seu grande pecado.

O vento cortante não parecia incomodar as crianças. Sara viu isaac a brincar com o filho de hagar. Isaac e ismael brincavam como sempre haviam brincado, correndo um atrás do outro, jogando pedrinhas no chão, rolando colina abaixo, cortando dos troncos flechas e construindo arcos. Os dois eram bons amigos, em que pese a diferença de idade, mas se entendiam e riam juntos, corriam em busca de rios imaginários e lutas impossíveis. Mas naquele dia sara

viu. Ismael era mais velho que itzhak, e em todos os jogos batia sem dificuldade a itzhak. E Sara viu o futuro, e ismael tomando de itzhak os direitos, e ismael fazendo-se senhor de itzhak, e ismael ordenando por todo o vale e além. Sara viu o que seria, e não pôde com isso. Mesmo sabendo que era apenas o que ela via. Mesmo sabendo da injustiça que cometia. Mesmo com toda a história que tinha por trás, mesmo com o arrependimento após a primeira expulsão de hagar, dessa vez era de itzhak que falavam, dessa vez era de seu filho, não do destempero de uma jovencinha, não de sua inveja pela barriga da outra, não era mais o que ela sentia ou o que hagar representava, era de seu filho, de itzhak que se tratava, do futuro do ser que crescera em seu ventre, e não lhe importava que o senhor houvesse garantido que itzhak seria a descendência de avraham, não lhe importava a lógica e o pensamento, não lhe importavam as súplicas de hagar ou a dor de avraham, não lhe importava avraham lhe assegurar que itzhak era seu filho para todo o sempre, e que itzhak era seu herdeiro e teria sua bênção, a dor já estava ali, o medo por itzhak já estava ali, e a sensação era maior que qualquer razão, e hagar teria de se ir, teria de se exilar e sumir no mundo, bem longe de itzhak, bem longe de seu povo adotado, bem longe de seu amor.

Bem longe de seu amor. Isso doía mais a hagar do que qualquer coisa. Hagar era ainda minha amiga, ficara assim desde sempre, e não sendo também ela mais a menina que fora, era ainda uma mulher que sabia ser amiga de homens, e compartilhar e ouvir. Mas mais que minha amiga, hagar se fizera amiga de sara. E não conseguia compreender. Como sara a mandava embora? Como sara não iria mais falar com ela, contar de itzhak, de seus feitos infantis, dos primeiros passos, das primeiras quedas, das primeiras palavras, das falas certas e engraçadas? Com quem sara iria compartilhar seu amor? Como sara a isolaria, como sara a mandaria vagar pelo deserto, e justo agora, com as noites tão frias, como sobreviveria ao frio e à fome e à sede,

como armaria sua tenda sozinha e sem os homens, como faria para ter o de comer e de beber para ismael, como protegeria seu filho dos ventos frios e o deixaria respirar e sobreviver ao duro inverno? Hagar que já vagara no deserto no calor do verão, que sobrevivera com o filho no ventre, hagar não sabia como era sobreviver no frio com seu filho, não confiava que poderia protegê-lo, alimentá-lo, mantê-lo.

De ora em diante, só quem sabe de hagar sou eu. Só eu a acompanhei, só eu a fui visitar, só eu a consolei. Eu, um mero servo do senhor, testemunha da fraqueza de sara e da força de hagar, testemunha do sofrimento de ambas e de avraham. Só eu, de todos os servos, cuidei de hagar.

Hagar não sabia como seria sobreviver no frio com seu filho, não confiava que poderia protegê-lo, alimentá-lo, mantê-lo. E ainda assim teve de partir. Avraham lhe trouxe um pão e um odre de água e se despediu dela e do menino e se foi. Assim simplesmente. E hagar partiu. Caminhando contra o vento cortante, exausta e cansada, em dias e dias sem descanso. E nas noites frias abraçada a seu filho, tentando com seu corpo resgatar um pouco do calor da terra, e proteger o menino inocente que ficava sem respostas para os seus por quês. Pois o que poderia dizer para o menino? Que sara tinha medo? Que ele poderia vir a ser poderoso? Que sara não tinha compaixão? O que um menino poderia entender disso tudo? Tampouco queria cultivar a raiva em ismael. Para que fazer do menino um ser amargo e rancoroso? Melhor deixá-lo pensar que peregrinavam, como então se costumava fazer. À procura do senhor e da verdade, à procura, sempre à procura.

Mas a água que se acabava, e o pão que já não havia. Hagar começava a se desesperar, e andava pelo deserto de beersheva como quem tem um destino, quando destino não tinha, era apenas o desespero que não a deixava parar e se deixar morrer. Porque ali estava ismael, e por ele tinha de sobreviver.

E foi então que o senhor me disse que era o momento de socorrê-la. E mais uma vez me fiz presente a hagar, e lhe disse que nada temesse. E hagar, que se afastara de ismael para não vê-lo morrer,

que fugira de ver seu filho definhando e acabar-se, pegou da mão de ismael e o senhor lhe abriu os olhos e ela viu um poço, e beberam da água com sofreguidão e ela banhou seu filho e em volta do poço hagar pôde encontrar plantas para o de comer, e eu lhe garanti que o senhor faria da descendência de ismael uma grande nação, e sua descendência seria numerosa como as estrelas do sol e a areia do deserto, e ismael cresceria no deserto e se faria flecheiro e tomaria uma mulher da terra do egito. Mas essa é já outra história.

O que sim se passou é que avraham tendo estado em negócios com abimelech, aproveitou e peregrinou pelo deserto de beersheva. Sim, isso foi o que sara soube, por toda a sua vida. O que não soube é que avraham sabia por onde hagar andava, por onde seu filho ismael parava. E assim avraham pôde cuidar de ismael, por um curto tempo, e saber que seu filho vivia, que hagar sobrevivia e passava bem, que hagar não remoía a dor como sara, que hagar retomava seu jeito de menina leve e inconsequente, mesmo com a maldade sofrida, mesmo com a maldade gratuita, mesmo com a secura do verão e o frio do inverno, mesmo com a morte à espreita, hagar vivia de novo e cuidava de ismael com o amor sábio e não desmedido, como quem sabe o que a falta de medida pode fazer, ela que a sofrera.

É difícil resolver quem deve contar a história agora. Há um pulo muito grande no relato. Mas não é apenas isso. A questão é a história de quem se está a contar. Se é a história de avraham e itzhak, com certeza sou eu que a devo contar, eu, o anjo do senhor que estive presente e que falei e que disse a que vinha meu senhor. Se é a história de sarai, por certo o servo deve contar, pois é ele que sabe de sarai por trás de sara, é ele que pode identificar o que ficou de sarai, o que restou. Mas em sendo a história de sara, só há uma capaz de contar. Uma que sabe de sara e de sua dor, e de como a dor a transforma e a perfaz, e de como a dor não termina nunca, só com a morte, fim de todas as coisas, só não do que fica.

Ela que a sofrera. Sim, reconheço o sofrimento de hagar, reconheço que não foi justo, nunca foi justo. Mas a história não se faz de

justiça, as relações não se fazem de justiça, e por vezes as coisas acontecem como têm de acontecer. E se a alguém consola, hagar sofreu e se refez, e voltou a ser a hagar leve e livre e solta, como os relatos de quem a viu nos contam. Mas não sara. A cada acontecimento, sara foi sendo marcada, e as marcas indeléveis ficaram por todo o sempre. Sara que sofreu pelas mãos dos outros, e por fim pelas do senhor. Sara que teve a prova de seu pouco peso no mundo. Mas o relato que urge.

Alguns poucos anos se passaram. A memória de hagar e ismael se diluía, se perdia no tempo. Sara seguia apaixonada por seu filho, por cada gesto, por cada descoberta, cada passagem e falar. Sara seguia embevecida com seu filho espetacular, com a estrela que brilhava por sobre seu filho, pelo riso aberto e franco, pelo jeito carinhoso e amigo, tão raro em uma criança. Seu amor de mãe seguia infinito e imenso, e abarcava o mundo.

E foi então que o senhor se apresentou por meio de seu servo a avraham. Eis-me aqui. E assim exigiu o sacrifício de itzhak. Assim, sem meios tons, sem meios termos, sem pudor.

E quem pensa que avraham saiu assim sem mais nem menos, pronto a sacrificar itzhak, engana-se. Sara não abandonava itzhak por nenhum instante, não havia momento em que não soubesse onde estava, por onde estava, em que estava. Jamais avraham poderia levar a itzhak sem sara disso saber. E quando avraham ousou comentar com sara a que ia, a tempestade desabou por sobre a sua cabeça. Sara não poupou desaforos e berros e choro e destempero. Que lhe levassem tudo. Que lhe roubassem a voz, o viço, as terras, as tendas, o de comer, o de beber. Não seu filho. Não seu único filho. Que nem pensasse em algo assim. Que nem ousasse roubar seu filho. Seu único filho. Sacrificar seu filho a um deus maligno, sem compaixão, sem piedade? Que raios de deus era esse que ousava pedir seu filho? Seu filho em holocausto? Que deus era esse que ousava o indizível? Isso não era deus, era o diabo, era o maldoso, o satã.

Como que ele concordara? Como que ele ousava? Sara sentia o frio penetrar por sua alma, o vento, a chuva, o inverno.

Avraham não tinha o que responder. Devia tudo a seu deus, devia sua riqueza, sua segurança, o respeito de outros povos, a paz com os vizinhos. Seu deus era respeitado por todas as vistas, por todos os horizontes. Não, não ousaria contrariá-lo, mas não tinha palavras para sara.

E então avraham deixou todos dormirem, e na calada da noite levou itzhak. E partiu com itzhak e com apenas dois servos e um jumento. E sara despertou assustada na manhã, e sentiu algo errado, algo faltando, algo de ruim a comer seu coração. E procurou itzhak por todos os cantos, e por todas as árvores e clareiras, e por todo o campo, e viu que itzhak não estava. E as lágrimas transbordaram e os soluços vieram, e nada podia conter seu desespero e sua falta. E por um instante sara pensou em hagar, e no medo de hagar por seu filho ismael, e no que fizera, e no destempero, e no absurdo, e as lágrimas eram por ismael e por itzhak, e por hagar e por itzhak, e por ela, sobretudo por ela, por ela e itzhak levado em holocausto e tão novo e tão condenado.

E quando avraham voltou, ainda acompanhado de itzhak, pois que deus apenas pusera à prova a fé de avraham, a fidelidade de avraham, itzhak ainda estava ali, itzhak ainda estava vivo. Mas sara, não. O corpo estava lá, e por muitos anos sara continuaria a fazer seus bolos e a alimentar as gentes e a cuidar de itzhak, mas era apenas um fantasma, um corpo movendo-se, um autômato fazendo suas funções, continuando a sobreviver e fazendo os outros sobreviverem. Sara não mais estava lá, o senhor havia exterminado sara no momento em que dissera a avraham para tomar de itzhak, seu filho, o único filho de sara, e oferecê-lo em holocausto em moriah, nos montes de moriah. Sara, sarai morrera, e lá estava apenas a pele e os ossos de sara, as carnes e os gestos de sara, sara ficara na tenda em que itzhak não estivera, sara ficara na falta de voz, na falta de força, na falta de tudo que fora o frio dia de sua morte em vida.

as filhas de lot

I

A história começara com deus anunciando que sara engravidaria e sara se rira. Mesmo sabendo da teimosia de deus, mesmo sabendo que ele era capaz de revirar o mundo só para manter sua palavra, mesmo sabendo, sara se rira, e com ela o mundo todo, e até hoje não compreendemos como deus não voltara atrás frente ao riso de sara, ele que não suportava a ideia de não ser levado a sério, ele que não aceitava a ideia de serem dele, de seus atos, de sua lógica, de seu fazer. Alguém estava rindo do deus superpoderoso, e só mesmo a certeza da aliança ferrenha de abraão para fazê-lo seguir seu plano, ignorar o riso e o sarcasmo, só mesmo o amor de abraão para fazê-lo dar a avraham sua descendência, e ainda de sara, que se rira.

Mas talvez o riso tenha quebrado algo em deus, que se permitiu contar a avraham de seus planos, ele que nunca se explicava, ele que nunca se deixava mostrar. E contou de sua ideia de acabar com sodomia e gomorra, e do mal que grassava nas duas cidades, e dos abusos que existiam nas duas cidades. Como se as outras fossem distintas. Como se em alguma outra cidade da planície ou das montanhas os homens não fossem essencialmente o que eram, falhos e plenos de soberba e gabolice, e teimosos e donos da verdade e sectários. Não muito diferentes do

modelo à imagem da qual haviam sido feitos. Mas que seja. Deus só era capaz de ver a maldade em sodoma e gomorra, pois que era lá que não o reconheciam, era lá que seus altares jaziam esquecidos, e outros deuses e mesmo outros não deuses reinavam, um império de inveja e rompan-tes em que se olvidavam de deus, ele que não suportava o olvido, a falta de atenção de corpos e mentes, ele que precisava sempre que lhe reasse-gurassem ser ele o único e o um.

Pois então deus foi contando a avraham que pensava em aca-bar com o mal pela raiz, e que destruiria a todos nas duas cidades. E avraham que era um homem acostumado ao comércio, não pôde se furtrar a negociar, ainda mais por estar lot, nosso pai, a morar pratica-mente em sodoma, com suas tendas beirando a cidade, e avraham não poderia deixar sua família ser destruída assim, sem mais nem menos. Mesmo que as relações entre os dois estivessem esgarçadas, tendo nos-so pai deixado os campos de avraham quando a riqueza de ambos se incumbira de complicar o vínculo, e disputas de gado e de terra tendo acabado por levar nosso pai a outras terras e a habitar a planície, ainda eram sangue do mesmo sangue, e avraham ainda zelava por seu povo.

Foi avraham quem perguntou: se acaso houvesse pelo menos cinquenta justos nas cidades, ainda assim ele as destruiria? Deus ga-rantiu que não, se houvesse cinquenta justos as cidades se salvariam. E se faltassem cinco para os cinquenta? Tampouco, com quarenta e cinco justos também elas estariam garantidas. E trinta? E vinte? E dez? E a todos esses números deus disse que não, que as cidades se salvariam. Avraham se contentou, pois por certo entre o povo de lot encontrar-se-iam os dez justos, e as cidades estariam salvas.

Mas não. Sodoma e gomorra estavam condenadas. Talvez houves-se algum justo na cidade. Talvez até dez justos. Talvez vinte. Mas não da justiça que deus gostaria de encontrar. O certo e o errado, o justo e o injusto serão sempre em relação a algo. E se lot, nosso pai, era o jus-to a ser salvo, por certo o critério de deus estava meio podre. Também

nós nos víamos cercadas de injustiça e humilhação. Mas ela começava em nossa casa. E o que se passou só veio a mostrar que estávamos certas.

Os dois anjos vieram ao cair da noite, quando as sombras já se anunciavam em nossa tenda e já não distinguíamos os vivos dos mortos. Meu pai se prostrou sobre a terra e os recebeu com todas as honras, e nos mandou ao fogo para assar o pão ázimo para os hóspedes. Os três ficaram a conversar na tenda assuntos de homens, e eu, minha mãe e minha irmã nos pusemos a assar o pão, e a cantar para a lua canções de tempos perdidos, relembrando a época em que meu pai saía a viajar por suas terras longínquas, e ficávamos só as três livres para fazer o pão, e cuidar da horta, e colher as azeitonas e semear o trigo, dias e dias de liberdade e de amor.

E com o pão pronto entramos todas na tenda, e nos sentamos em um canto a entreouvir a conversa dos anjos com meu pai. Foi então que o barulho veio forte de fora, e ouvimos aos homens da cidade a gritar: onde estão os homens que vieram visitar a você? Traga-os para fora para que os conheçamos. Traga-os para fora para que conheçamos seus corpos, para que nos deem prazer.

E tudo que ocorreu a meu pai foi dizer que o direito de hospedagem não lhe permitia entregar os anjos à sanha dos homens. Que eles haviam comido de seu pão e bebido de seu vinho, e que estavam assim protegidos. E que se os homens queriam ter relações com alguém, que tivessem com suas filhas. Que ele, lot, tinha duas filhas virgens, que ele lhes entregaria as filhas para fazerem delas o que bem entendessem, que usassem e abusassem de suas filhas, que entrassem nelas pela frente e por trás, que gastassem seus corpos e aproveitassem de sua pele virgem e branca, que fizessem nelas os filhos que desejassem, que gastassem sua lascívia nos corpos frágeis e fracos, mas que não fizessem mal a seus hóspedes, que eles sim gozavam de sua proteção, que eles eram visita em sua casa e estavam protegidos.

O engulho que senti tirou minha voz, e minha irmã mais nova já vomitava num canto da tenda, e eu já me via passada de mão em mão,

de membro em membro, e meu corpo dilacerado sob o sexo de todos aqueles homens, e suas sementes plantadas em minhas entranhas, e tudo que eu tinha era vontade de estapear meu pai, meu pai que me oferecia a todos os homens de sodoma, ele que era o justo, ele que protegia seus hóspedes, ele que fazia as honras da casa à custa de minha honra, de meu corpo e de minha vontade. Meu pai que se curvava ante o senhor, e entregava suas filhas para proteger os anjos de seu senhor, e também eu já vomitava e tremia, a dor imaginada e a real.

Foi por isso que nem pude ver o que os anjos de fato fizeram. Tudo que sei é que os homens à volta da tenda se tornaram cegos, e se perderam pela cidade, esbarrando em casas e pedras e becos e eu me deixei ficar caída em um canto da tenda, as lágrimas rolando e o rosto no chão, imunda da terra e da humilhação, enquanto os hóspedes ainda falavam com meu pai.

Meu pai saiu a alertar os homens que estavam por se casar comigo e com minha irmã. Que a cidade seria destruída, que a cidade se reduziria a pó, que todos seriam destruídos. Nenhum dos dois se dignou a ouvi-lo. Era bem verdade que nosso deus era respeitado e considerado, e capaz de fazer as mulheres conceberem, e capaz de proteger a colheita e o gado, e capaz de secar as águas dos rios. Mas daí a destruir duas cidades era já pura galhofa. Que deus iria se dar ao trabalho de destruir toda uma cidade? Que deus iria acabar com sua própria obra, porque o povo diz que não o adora como deve? Que deus iria dizer que os homens são maus, ele que criara os homens à sua imagem? Tudo se reduzia a uma piada para eles, e meu pai correu de volta à nossa tenda para nos alertar. Também ele começava a duvidar da vontade de deus de destruir sodoma e gomorra, e o dia já se levantava quando os anjos lhe agarraram e a minha mãe e a nós e nos levaram de nossa tenda. E deixaram bem claro que nos deveríamos ir o mais rápido possível, que subíssemos as montanhas, que nos fôssemos de lá.

Eu ia sendo levada pelos anjos sem atinar o que se passava, pela minha cabeça ainda girava a história da noite, meu pai me oferecendo aos homens da cidade, meu pai me trocando pela segurança de seus hóspedes, me entregando à luxúria de todos os homens, e só entreouvi meu pai dizer aos anjos que não poderia ir para as montanhas, que lhe matariam, e não consegui entender quem lhe mataria, se os homens da cidade chegariam às montanhas, ou se os homens das montanhas acabariam com ele, nada já fazia sentido, tudo que entendi é que chegaríamos a uma pequena cidade a que se chamaria tzoar, pelas tristezas que ela vivenciaria ou presenciaria ou teria vivido, já não percebia o que se passava.

E os anjos disseram que devíamos correr e não olhar para trás, e nos distanciarmos o quanto pudéssemos de sodoma e gomorra, e deixar o mal para trás, como se eu pudesse esquecer que levávamos o mal conosco. Como se fosse ainda claro o que era o mal e o que era o bem, como se fosse possível alguma fronteira clara e discreta entre o justo e o injusto.

E nós corríamos por entre os juncos do rio, e por entre os campos de trigo e de cevada, e pelas pedras que levavam à cidade, e em uma elevação do terreno minha mãe não se aguentou, e relembrou os tempos passados em sodoma, os campos dourados no verão, e o pequeno rio que voltava no inverno, e as filhas que cresciam correndo pela planície sem fim, e ela se voltou e viu e falou do enxofre a jorrar pela cidade, e das fagulhas a queimar a cidade, e das labaredas a comer as casas e por um instante sua voz pareceu vir de muito longe e se apagou e só tocamos em seu corpo inútil, uma coluna de sal, grossa, rugosa, dura, massiva a se deixar ficar na terra da qual nosso pai já nos levava e corríamos e corríamos rumo à cidade triste que nos acolheria, órfãs da cidade, da terra, da mãe, das gentes que nos aceitaram e nos expulsaram, por fim no sopé da nova cidade com o homem que estivera prestes a nos vender pelo favor de seu deus.

II

Uma fumaça fina ainda subia do que havia sido sodoma e gomorra. Dias e dias haviam se passado, mas os céus ainda se tingiam da ira de deus. Por quanto tempo ainda as pessoas se lembrariam de sodoma e gomorra, o que ficaria na memória das pessoas que lá viveram, construíram suas casas, criaram seus filhos, trabalharam e descansaram?

A vida em tzoar não era de todo ruim. Eles tinham armado sua tenda em um dos fins da cidade, e havia uma nascente perto dali. Seu pai quase não estava por perto, estando sempre a caçar ou indo a trocar a caça por trigo e leite, e sua irmã mais velha fazia o pão, o queijo e a carne como sempre havia feito. Mas o fazia como um fantasma, como se a memória do que se passara tivesse levado embora suas cores e seu sorriso, ela que havia sido tão ativa e tão forte.

Mais que tudo, ela sentia falta de sua mãe. Sua mãe tinha sido sempre seu ponto de apoio, a única pessoa em quem podia confiar suas pequenas dúvidas, aquela com quem gostava de cozer e falar, aquela com quem saía a colher os narcisos, ciclames e anêmonas no inverno, a mostarda e a sálvia quando a primavera vinha chegando, com quem gostava de correr pelos campos e molhar os pés no rio. E sabia que devia de ser nisso que ela pensava quando ela olhou uma vez mais para Sodoma, quando por certo se lembrou de toda uma vida que tinham passado por lá, e do gosto azedo do labane besuntado no pão, e dos risos francos de todas elas quando seu pai não estava. E agora sua mãe lá não mais estava, ficara a estátua, ficara longe, sem nem ao menos uma sepultura onde pudessem chorar sua falta.

O povo da cidade pequena prestara um pouco de atenção a eles, mas logo se esqueceram deles. Seu pai tivera o cuidado de não contar que apenas eles haviam sido poupados por deus, que apenas a eles os anjos haviam alertado. Por que eles haviam sido salvos ela não atinava. Sua família não era melhor ou pior do que as demais, e seu pai não era exatamente uma boa pessoa. Mas com certeza ser

sobrinho de avraham devia trazer suas vantagens junto a deus, e saber do poder de deus sempre tinha feito seu pai respeitar a força divina. Fosse qual fosse a razão, eles tinham se salvado, ainda que à custa de quase terem sido violentadas por uma multidão furiosa. Aquilo tinha sido terrível, sim, mas passara. Ao menos para ela. Sua irmã mais velha ainda sofria. Ela que nunca pusera em palavras a desconfiança que tinha de seu pai, agora seguia ainda mais calada e soturna. Mas também isso passaria, tudo que era preciso era tempo. E tempo eles tinham de sobra.

E o tempo foi passando. Já não havia fumaça no céu, as pessoas já quase não falavam de sodoma e gomorra, a vida retomava seu passo lento na pequena cidade. As pessoas já não se interessavam por nós, já não éramos os estranhos que milagrosamente haviam chegado das cidades em fogo, outros milagres deviam de ter acontecido, alguém traía o pai ou matara o irmão, um ladrão roubara o gado, uma raposa assustara as galinhas, e o povo da cidade foi se esquecendo de nós.

E o tempo foi ajudando a irmã a se recompor. Primeiro ela voltou a falar com a mais nova quando o pai saía para caçar. Falava das coisas pequenas, do queijo que coalhara, das plantas que começavam a pegar. Aos poucos foi voltando a ser o que era, e organizava os dias e as noites, ia dizendo o que devia de fazer e o que não devia. A mais nova já não sabia se se reacostumaria àquela irmã que mandava tanto, mas qualquer coisa era melhor do que ela ensimesmada e fechada em seu mundo.

Foi então que o povo da cidade se lembrou. Parece que alguém de sodoma não estivera por lá quando toda a cidade queimara. E agora voltando passou por tzoar e viu as moças a pegar água da nascente e dissera a todos na cidade que a cidade fora destruída pelo seu deus. O pai não conseguia tirar isso da cabeça, e não sabia se aquela seria mais uma história que a cidadealaria até a próxima novidade, ou se algo poderia lhes acontecer. Pelo sim, pelo não, ele

resolveu que se iriam da cidade, e, logo depois que anoiteceu, juntaram as tralhas e se foram para as montanhas.

Subir as montanhas com o sol já era arriscado, que dirá na noite, e em noite sem lua. Levaram toda a noite a fazer um trajeto que se cumpriria em poucas horas, em sendo de dia, e quando o dia amanheceu estavam aos pés das montanhas. Continuaram todo o dia a subir, e encontraram um pequeno planalto onde passaram a noite. Nos dias seguintes continuaram a subir e a se afastar, e por fim encontraram uma caverna, espaçosa o bastante para todos.

Nos dias seguintes cuidaram de limpar a caverna, e procurar o de comer. Caminhando um pouco encontraram algumas frutas, e o pai saiu a buscar caça. Voltou no dia seguinte com uma cabra que encontrara perdida pelas montanhas. Ele disse que ficariam por ali por um bom tempo, então era bom que alimentassem bem a cabra para que tivessem leite e queijo. Uns dias depois o pai contou que encontrara uma encosta cheia de videiras, e gastou vários dias trazendo uvas para que preparassem o vinho.

Foram ficando mesmo um bom tempo por ali. Ninguém passou por ali, ninguém trouxe novas do mundo. Parecia que a caverna não era rota de ninguém, e sozinhos estariam por todo o sempre. Passaram dias, meses, os meses foram se juntando em anos, e mais anos.

Um dia vi minha irmã de novo ensimesmada. Temi que de novo ela caísse no silêncio, de novo se fechasse em seu mundo. Mas não. Meu pai tinha saído à caça, e eu vi que ela dava voltas e mais voltas na caverna enquanto eu ainda dormitava em meu canto. Resolvi dirimir seu sofrimento e me levantei. Ela ainda deu outra volta e veio falar comigo.

– Você sabe que nosso pai é velho, e nenhum homem chegará em nossa caverna. Nenhum homem entrará em nós, e teremos a barriga vazia e nosso pai não terá descendência e nosso nome sumirá da terra.

Eu estranhei que ela falasse isso. Depois de tudo que já havíamos passado, não me parecia que ela estivesse muito preocupada com a

descendência de meu pai. Afinal, que nosso nome sumisse da terra. Que ninguém soubesse do que se passara em sodoma, que a história morresse conosco.

Mas não era isso que minha irmã tinha em mente. E ela foi explicando. Que nada devia ser esquecido. Que o crime de meu pai, e para ela tinha sido um crime, pois que incitar os homens e nos entregar a eles era um ato criminoso, pois que jamais deveríamos permitir que fosse esquecido, que contaríamos a nossos filhos e aos filhos de nossos filhos o que nosso pai fizera por temor a deus, e que um pai desarvorado como o nosso precisava ter sua história repetida por todo o sempre, e a falta de amor seria paga com um ódio prolongado por gerações e gerações. E o povo que se aliara a esse deus ainda ouviria falar de nossa descendência, e ainda sofreria em nossas mãos, mas que o supremo ato seria lembrar, lembrar e não olvidar, contar e recontar para o todo o sempre.

E nesta noite minha irmã deu a meu pai o vinho, e embebedou-o e com ele se deitou e ele na manhã seguinte de nada se lembrou.

E na outra noite foi a minha vez de dar o vinho a meu pai, e embebedá-lo e com ele me deitar, e também desta vez ele de nada se lembrou.

Mas nós de nada esquecemos. E quando nove meses depois nossos filhos nasceram, estávamos já longe dali, longe da caverna, longe de meu pai, longe de sodoma e de gomorra, apenas nós e nossos filhos, nós e nossa descendência, nós e nossas lembranças que nos encarregamos de preservar, contando a nossos filhos e nossos netos e nossos bisnetos para que a noite em que o amor a deus foi maior do que todo o mais não fosse jamais esquecida, para que o temor àquele deus nunca mais justificasse o maior dos pecados, nunca que a morte do puro amor.

a mulher de lot

I

Hoje sou pedra. Mas houve um tempo em que meus pés corriam soltos, e pisavam em anêmonas mais vermelhas que a lua de outono e que o sangue que hoje já não corre mais em mim. E minhas filhas e eu corríamos por entre os cheiros da mostarda e da sálvia, e entrávamos no rio, e ríamos por um tudo e por um nada. Nós éramos a vida se fazendo na planície, éramos a razão das oliveiras crescerem, das amendoceiras brotarem, das videiras subirem pelas pedras e pelos troncos, nós éramos a razão dos brotos se fazerem explodir em vermelhos e amarelos e verdes da primavera e das chuvas torrenciais a inventar os rios e encher as poças e levar a terra amarela e trazer a vida.

Lot era apenas um detalhe em nossas vidas. Ele quase não se deixava ficar em nossas tendas, e qualquer motivo era razão para sair à caça ou levar a colheita ou ir a um novo mercado. Qualquer desculpa para nos deixar em paz, nós três e a vida palpitante da planície.

Eu nascera em uma família de posses de sodoma. O que quer dizer que eu não tivera que carregar minha água, ou fazer meu pão, ou pisar as uvas para fazer meu vinho. Não tivera que, mas fizera. Eu fazia questão de trazer minha água do rio, para no caminho da

fonte vir notando cada planta, cada flor, cada pedra por que passava. Eu fazia meu pão, e sovando o pão ia exercendo minha força, eu que me sabia forte e certa. E pisava as uvas de meu vinho, e cuidava de meu rebanho, e plantava as minhas videiras. Eu fazia tudo que podia com cada parte de meu corpo, sabendo que era sempre um aprendizado, era sempre um novo conhecimento, e que a mão aprende o caminho ao sovar o pão e cortar a carne e cavar o chão e podar a árvore. Tudo era uma aprendizagem, e assim também aprendera as línguas dos viajantes que passavam por minha casa, uma grande casa de pedra no centro de sodoma em que todos se sentiam na obrigação de ter estado. E eu olhava para todos os viajantes com igual curiosidade, os que vinham de longe e de perto, os que traziam o queijo e os que traziam a lenha, os que vinham por uns dias e os que se quedavam meses. A todos eu olhava e tentava entender, saber suas histórias e seus males, saber dos lugares por onde haviam passado e o que haviam visto.

E todos também se sentiam na obrigação de olhar para mim, e elogiar meu porte e meus olhos e minha voz e meu canto. Quando todos sabiam que o meu bem maior se encontrava no gado de meu pai, nos campos de meu pai, nos alforques que voltavam carregados das viagens a mercados longínquos, nas mercadorias, nos cheiros, na delicadeza dos panos e dos pratos e da louça.

Mas meu pai não me enganava. Melhor seria que eu soubesse o que todos aqueles homens cobijavam. E que eu também não me enganasse. Eu poderia fazer o que quisesse, com quem quisesse, como quisesse. A fortuna estaria ali, para todo o sempre. Que eu usasse meu tempo para aprender o que devia de, o que me servisse independente das moedas que rolavam em nossos bolsos, o que me desse prazer acima de tudo. Meu pai era generoso, e eu era sua única filha. E então ele me dava o bem mais precioso: a liberdade de ser.

E eu fui. Descobri a serventia de novas plantas, experimentando e fazendo ferver a barriga, e vomitando e cuspidando sangue, e

por fim sabendo a que servia para curar a dor do período, e a dor pelo excesso e a dor pela falta, e a planta que acalma, e a planta que agita e a planta que estremece, e a planta que evita. Era um conhecimento que eu me sentia feliz em compartilhar, e espalhar pela cidade, e isso trazia ainda mais gente à minha casa, e meu pai resolveu que aquilo não servia, e fez construir uma casa pequena na planície para mim, em que eu poderia brincar com minhas plantas, como ele dizia, e as pessoas poderiam vir e me ver trabalhar, e pedir o que quisessem, e deixar o que quisessem, em um trato bem a seu gosto e ao meu.

E foi na planície que conheci lot. E para mim lot era o símbolo de tudo que eu prezava: queimado pelo sol que ilumina, trabalhando a terra e cuidando de seu gado, de pouca fala como as pessoas que sabem que nada pode ser falado. Sim, por certo li errados os sinais, e não vi que as poucas palavras não eram o indício da inteligência que percebe o inútil das palavras, mas da parca sabedoria que nada conhece. Ou que o trabalhar da terra ou o prezar a tradição era apenas reproduzir o que seus pais fizeram e os pais de seus pais, e não a compreensão das chuvas e dos rios e da terra e dos ciclos e de como tudo era um todo, a vida se desfazendo e se refazendo em cada planta, em cada rio, em cada gota de chuva.

Mas eu era menina, e lot para mim era o mundo. E foi. E minhas meninas vieram, as duas meninas mais lindas que eu poderia imaginar, seus cabelos negros a correr na chuva, elas também iluminadas pelo sol e pelas águas.

E vê-las crescer era ainda maior do que descobrir as plantas. Era descobrir a vida se fazendo, e ver minha filha mais velha se tornando ainda mais sábia do que eu era, uma menina que corria comigo pelos campos dourados em um minuto, para no minuto seguinte sentar-se absorta a admirar uma joaninha, e contar suas patas e buscar o casulo para ficar horas a admirá-la vendo sair e se fazer

amarela, e esperar os dias em que as pintas iriam sair e a joaninha se faria vermelha e sairia a voar e desapareceria nos trigais.

E minha filha mais nova, a que sempre precisaria de mim, sempre pedindo, perguntando e querendo saber, e como faço e por que faço, e por que é assim, e como se dá esse ponto, e como faço para a carne ficar tenra, e as duas tentando novos queijos, novos gostos, misturando a cebola e a sálvia, e as nozes e as frutas secas, e criando novos sabores e cheiros.

E quando o inverno chegava, as três esperavam os dias de sol para buscar o rio, e colher girinos como quem colhe flores, e cuidá-los como bebês que eram, e vê-los crescer, as patas de trás, a cauda encurtar, o corpo se avantajar, e por fim soltá-los já quase sapos, e se divertir a vê-los no ato mesmo da caça.

E o mundo era possível porque eram as três, e quando lot voltava o mistério se desfazia, e elas se recolhiam às suas tarefas diárias, esquecidas do rio e da chuva, esquecidas dos cheiros e dos gostos, esquecidas da vida.

II

Um dia lot voltou de uma viagem e foi peremptório: “É preciso adorar o senhor”. Ela não gostava de discutir. Se ele adorasse o senhor, que ficasse bem. Que adorasse como bem entendesse. Que cada um adorasse ao senhor que quisesse, ao deus que lhe conviesse, que cada um vivesse a seu modo. Ela poderia adorar o rio, e as árvores, e o ar que ela respirava, e a vida que ela sorvia. E suas filhas poderiam adorar os sapos e as joaninhas e as vacas e os cordeiros. Que cada um adorasse a vida que lhe apetecesse.

Mas isso deixou lot desesperado. Meu deus não permite que se adore a outro deus. Meu deus é único, e a ele devemos sacrificar nossos cordeiros e nossas ovelhas e o que mais tivermos. Ela se riu. O seu deus não tem tanta fome assim, melhor sacrificar os cordeiros

a quem deles precisa, há muitos homens que perderam suas colheitas nas últimas secas, há muitos homens cujo gado morreu pela falta de chuva, melhor dar a eles os cordeiros. Ou ao deus da chuva, se você cisma em acreditar em um deus.

Ela devia ter tocado em algum ponto fraco de lot. Porque ele se fez vermelho, e gaguejando afirmou que não era um deus, era o deus, e um deus poderoso, um deus capaz de dar e tirar, de proteger a colheita e de acabá-la em um granizo, de alimentar o gado e de matá-lo de fome. Ela pensou que esse deus não lhe servia, um deus que se diverte a dar e tirar, um deus de decisões impulsivas e infantis, mas não quis argumentar, porque via que lot acreditava no que dizia. E então concordou com lot, devíamos sim sacrificar ao seu deus, e o ajudou a escolher um carneiro, afinal de contas, ela tinha um rebanho sem fim, e um carneiro roubado aos pobres não iria matá-los, ela cuidaria de a cada cordeiro sacrificado, dar mais dez a quem deles realmente precisava. Mas quando lot falou que ela deveria participar do sacrifício, ela disse que não, que aquilo era algo da religião dele, e que lhe doía ver um carneiro assim queimado que não fosse para a comida, e que ela já tinha concordado com o sacrifício, e mesmo ajudado a escolher, e que era o suficiente. E lot foi ficando ainda mais vermelho, e chegou a levantar a mão para esmurrá-la, quando ela se esquivou e disse: “O dia em que sua mão conseguir tocar em mim será o dia de seu fim”. O que ela quis dizer com isso nem mesmo ela sabia, foi a frase que lhe veio à cabeça na hora, mas ao que parece surtiu efeito. Ou lot pensara que seu pai o mataria ou que toda a riqueza de seu pai deixaria a sua casa. Pela vida ou pelo bolso, ele nunca mais levantou a mão para ela.

Mas o estrago estava feito. O homem pelo qual se apaixonara desaparecera de vez, em um único gesto. O jovem moreno, que trabalhava a terra com suas mãos, que morava na sua tenda, que cuidava de seu rebanho, que sabia do sol e da lua, sumiu em um

instante. Em seu lugar ficou um homem que sabia de deus e ignorava a magia da terra, um homem que sabia da religião e desconhecia a sabedoria das plantas e das águas e do ar. E esse homem que estava ali diante dela não era o seu homem, não era o homem com quem se casara, não era o seu jovem moreno. Aquele era o homem que nunca mais iria tocá-la, nunca mais ela o deixaria tocar em seu corpo, fosse para bater, fosse para amar. Ele era apenas um desconhecido em sua tenda.

III

Quando os anjos do deus de lot apareceram, ela estava em sua casa de pedra na planície. Tinha atendido uma moça em seu parto, e suas mãos cansadas se deixavam ficar esperando a lua sair para voltar à sua tenda. Foi assim que não ouviu os anjos falando da destruição. E não ouviu a proposta indecorosa de lot de entregar suas filhas à turba ensandecida. Como lot podia ainda pensar isso? Como podia ter a coragem de dizer isso? Doía-lhe ainda mais saber que não estava ali para acalmar suas filhas, dizer a elas que jamais homens decentes pensariam em entregá-las, que dirá anjos de deus, e que ela as defenderia ainda que com seu próprio corpo. E ao pensar nesse deus, ela quase duvidava, esse era o deus de lot, o deus que pensava neste exato momento em destruir toda uma cidade por conta de homens como aqueles que haviam atacado sua tenda, e só não atacaram suas filhas porque ao menos a esse deus ainda restavam anjos decentes. Que seja decente também esse deus, que saiba que um povo não se julga por uns poucos, que saiba que há inocentes como o bebê que ela ainda agora ajudara a trazer ao mundo, que saiba que o mal e o bem não escolhem onde viver, estão espalhados por todas as gentes e povos, igualmente repartidos entre os pobres e os ricos, entre as cidades e os campos, entre sodoma e o mundo.

Mas tudo isso, enquanto parecesse claro, era na verdade um correr em sua mente, enquanto ela juntava algumas ervas e trapos e coisas que lhe pareciam necessárias se iam mesmo embora. Ela ainda tentou falar com os anjos que ela mesma conhecia tantas pessoas boas e outras não tão boas, e lot mesmo que seria salvo tinha lá suas histórias, mas tudo que eles diziam era não há tempo, não há tempo, corram a trazer seus genros, e ela ao menos ficou feliz por seu pai não estar na cidade, por estar a caminho de um mercado pelo fim do mundo, mas havia tanta gente a salvar, e os anjos dizendo que de nada serviria, que o deus acharia um jeito de acabar com todos, que não perdesse seu tempo, e ela só fez buscar o mais necessário, e voltar a estar com suas filhas, que tremiam e choravam, e ela sabia que não era a presença dos anjos mas de seu pai, a dor de ver lot oferecendo-as aos homens devia de ser uma dor insuportável, a dor de conhecer o pai finalmente, de ver claramente diante de si o caráter do homem que as pusera no mundo, a dor de ver que o pai era feito de pedra, era um homem que sabia da religião mas não sabia da compaixão, que sabia adorar mas não amar, que não sabia o que era ser pai e cuidar e proteger e doar-se. Ela correu a ficar com suas filhas, e abraçou-as e beijou-as e guardou-as o mais que pôde, sabendo que todo o amor do mundo não seria suficiente, sabendo que precisaria de anos e anos de amor para desfazer o estrago que lot fizera, anos e anos de amor para trazê-las de volta a um mundo real e verdadeiro, a um mundo da terra e das plantas e dos rios e da vida. E sabendo disso elas as abraçava e falava, sabendo que elas não a ouviam, não a entendiam, mas sabendo que o corpo guarda a memória do toque, e que elas precisavam saber que eram amadas e cuidadas e pensadas, e correndo com elas e com os anjos e com lot.

E ainda que os anjos houvessem dito que não deveriam olhar para trás, ainda que os anjos houvessem falado da ira de deus e de tudo o mais, ela precisava olhar sodoma e a casa onde crescera, e as terras em que se fizera a mulher que era, e as árvores e as ervas e as

flores, e o rio em que correra com suas filhas, e o campo dourado em que brincaram de se esconder, e a planície imensa a se estender e a se perder de vista, e uma última vez ela olhou e viu as fagulhas queimando a cidade, as labaredas comendo as casas, e o cheiro de enxofre tomando o ar, e por um instante ela compreendeu e viu que aquele deus não a deixaria viver, aquele deus não a deixaria seguir e falar e mostrar e fazer saber, aquele deus de qualquer forma a impediria, ela que via o rio e a árvore e a chuva e as flores, ela que sabia que há mais que a regra e o sacrifício e a dor e a culpa, ela que sabia que o dia nasce e a noite vem, ela que sabia que a vida vem devagarinho ou em explosões, mas sempre vem, e sempre se vai, ela que percebia que o certo e o errado ruem a cada momento, e que nada se faz da pura lei, e que as leis são isso, leis e não explicações, regras e não essências, e por um instante o seu rosto se iluminou, e talvez fosse apenas o reflexo da cidade que ardia, e ela sentiu seu corpo que se queimava, e ela olhou apaixonadamente para o fogo a consumir a cidade, e para a planície se espalhando por todo o sempre, e ela ainda sussurrou para suas filhas, amor, e a palavra morreu e se apagou em seu corpo duro e imóvel, seu corpo inútil e salgado a mirar a cidade e a planície e o rio seco.

rivka

I

Por que não deveriam lutar? Pois se sempre lutaram. Pois se sempre pelearam, desde que se formaram em minha barriga, eles sempre se empurraram e se chutaram e se machucaram como dois irmãos hão de. Rivka não se lembrava de momento algum em que os dois concordassem. Se esav queria brincar no rio, yakov queria colher ciclames ou anêmonas. Se yakov queria construir uma cidade, esav queria correr pelos campos. Mas era sempre yakov que acabava resolvendo o que faziam, pois que esav vinha sempre com a força e o mando, e yakov ia comendo pelas beiradas, e deixava o irmão falar e esbaforir-se, e gritar e resolver, e quem resolvia era yakov, fazendo esav pensar que ele resolvia algo, fazendo esav todo prosa quando na verdade era o rio se yakov queria o rio, era a casa se yakov queria a casa, era fazer a comida e contar histórias ao fogo se assim queria yakov. E esav seguia forte, no corpo e na presença, e aprendia a caçar e a pescar, a cuidar do gado e dos homens, enquanto yakov apenas sugeria, apenas deixava no ar, e seguia com suas comidas e seus doces e suas histórias e seus bichos. Esav se fazia homem, e pronto a guerrear e a lutar, e rivka podia ver o sorriso maroto de yakov olhando o irmão, vendo que o outro faria sempre o que ele diria, ou o que

deixaria pairando no ar, para o outro sem nem perceber pegar e fazer, yakov sempre tão dissimulado e esperto.

E rivka não podia deixar de pensar em como yakov era a realização perfeita do que sempre ela quisera, ela que fora comprada com ouros e joias de seu pai e de seu irmão, ela que fora vendida como mercadoria fina, como vaca prenha, ela que vira o servo se aproximar de longe, e soubera conquistar pelo ato mais simples, o trazer a água e saciar a sede, a sede dos homens e dos animais, a água que trazia a promessa da pastora virgem e casta, quando a água jorrava aos borbotões e anunciava a volúpia, e assim yakoviando ela pôde escapar de seu pai e de seu irmão, ela pôde sendo mercadoria deixar de ser coisa, e ter o amor de itzhak longe dos seus, longe da força e da ordem e do mandar infinito.

Mas isso não a fazia amar menos esav. Esav que também era fruto de seu ventre, esav que passara nove meses a buscar também seu lugar, esav que saía primeiro desejando o mundo, querendo o ar e a luz e a vida do campo, e as corridas e as lutas, e olhava de frente e batia de cara com a vida, ele que ia com toda a força de encontro ao muro, ele que se colocava nu para o que desse e viesse, ele que sabia amar e se entregar, esav tão transparente, tão claro de se ler, tão puro no seu pulso forte e no seu brigar com o mundo, sim, ela amava esav que era tão pouco yakov, tão pouco olhar um problema e circulá-lo. Yakov que jamais bateria de frente, yakov dos subterfúgios e dos silêncios, yakov que faria tudo que sempre quisesse sem brigas, sem berros, esperto e certo na fala mansa, nos rodeios e voltas e argumentos pensados e pesados. Yakov que era tão ela, yakov que saberia a hora de ser vendido e ser dono, que saberia a hora de ser mercadoria e ser senhor, como ela soubera tão bem, yakov que saberia sempre o momento certo, a escolha certa, a hora de se calar e a hora de falar, yakov que saberia ler aos outros e usar da esperteza, ele que de corpo era tão fraco e tão dócil, ele que preferia a casa ao campo, o fogo ao ar, a palavra ao machado.

E se esav se parecia tanto com itzhak, e saíam juntos a caçar e a ceifar, a plantar e a colher, isso não diminuía seu amor por esav, esav de suas entranhas, esav forte e peludo, homem para todos os efeitos, e só ela sabia de sua fraqueza, de quanto aquela força era aparente, de quanto ele iria como sempre como um furacão em todas as suas ações, em como ele lutaria contra moinhos se moinhos houvesse, em como aquilo era pura força contra um muro de pedra. E em como ela amava aquele homem-criança, aquela fortaleza de músculos e vontades que parecia pedir para ser enganada, pedia para ser lesada.

E como yakov sempre saberia o que falar e o que fazer. E como a fraqueza também era aparente, e como a fraqueza era feita de força, era feita de planos e subterfúgios, era feita de meandros e voltas, era feita de saber aonde queria chegar, e era construir o caminho e o fim, era construir, assim, como quem constrói cidades.

E se o amor por esav era o amor pelo outro, o amor por yakov era o amor que não precisa de doação, não precisa de força ou esforço, era o amor que fluía como a água do rio sem barreiras, como quem passa do rio ao mar, e yakov sim era seu mar, o que a alargava e tomava na calma que ia e voltava como o seu jeito de tudo resolver. Era o amor fácil do espelho, o amor fácil que se via refletido no lago límpido e claro.

II

E como o peixe que morre pela boca, esav também. Yakov se esmerava na cozinha, e os cheiros que saíam do fogo de yakov tomavam as tendas, e o açafraão e o alho e a pimenta e a canela e a noz moscada e a zaatar eram redes de caçar borboletas, e não havia homem que não parasse para devanear com sabores e cheiros, e estômagos que não se contorcessem frente àqueles sonhos prometidos e milagres cumpridos, não havia mulher que não se revelasse ante o gosto imaginado e o arrebatamento iminente.

Rivka achava graça naquele moço tão novo planejando novos pratos e encantamentos, novas misturas de temperos e carnes e frutas e delírios pelo fogo.

Mas rivka sabia que nada que yakov fazia era à toa. Rivka sabia que seu filho pensava. Todo o tempo. Sobre tudo. Mas sabia também que a alquimia do sal e da pimenta, do fogo e da cebola eram um prazer para yakov, era uma forma de também construir, imaginar, criar e ver realizada a quimera. Mas era mais. Ao menos daquela vez.

E yakov cozera um guisado. Deixara a lentilha descansar na água e a fervera até quase perder a dureza, mas não de todo. Então pegara da grande panela, e picara a cebola e a fritara no óleo das azeitonas verdes que haviam colhido no fim do último outono. E com um cuidado de mãe que cuida de seu filho, ele colocara a carne do carneiro cortada em pedaços e a virara para levemente tostar, e com amor espalhara a canela e o cravo e a noz moscada e a pimenta branca e a pimenta preta e o sal e o cominho e adicionara as lentilhas e o caldo de frango que já ali estava a esperar, e completara a panela com água e um nada de vinho doce e tampara a panela, deixando-a a cozinhar. O cheiro arrebatador espalhava-se por entre as tendas e o vento levava aos campos e ao começo do bosque.

Foi então que esav voltou do campo, aonde fora caçar. Voltou afogueado e vermelho, cansado e faminto, seu jeito largo de homem grande e forte. O cheiro lhe foi guiando os passos, e esav se sentou ao lado do fogo e implorou a yakov que lhe desse de comer. Yakov apenas disse: não está ainda pronto. Esav que se morria de fome, apenas pediu de novo, que lhe desse do guisado. Yakov colocou um tanto mais de água no guisado e disse: apenas um pouco mais, espere. Esav já não se aguentava mais de fome e de novo pediu e implorou, que se morria de fome. Yakov apenas disse: venda-me tua primogenitura. Esav se riu: pois que me morro de fome, de que me serve a primogenitura, se aqui me morro, se amanhã não terás

mais irmão? Fica com ela, aproveita-a para todo o sempre, mas que eu coma já, agora. Yakov ainda perguntou: você me jura? Pois claro que juro, só me passe esse guisado antes que eu desmaie e me morra!

Yakov tomou de um prato e serviu o guisado, e sobre ele picou a salsa e serviu a esav com o pão e ficou a olhar esav a comer o guisado com gosto, tomando da carne e das lentilhas com o pão, e mais um pão, e esav ria e comia, feliz com seu guisado, saboreando o molho suculento que se soltava da carne a cada mordida, e yakov sorria, como só yakov sabia sorrir, e rivka apenas imaginava o desenrolar da história, agora que yakov tinha a primogenitura, e esav jurara, e a luta que se anunciava, esav e yakov que se chutavam e se enrolavam e se batiam em sua barriga agora se olhavam, apenas, um feliz com sua barriga quente e saciada, o outro apenas sorrindo.

III

Algo ela teria de fazer. Itzhak já se fazia velho, suas pernas já não lhe obedeciam e seus olhos já não funcionavam, e o mundo se escurcia para ele. E rivka sabia que o momento se aproximava. Para yakov tudo estava muito claro, a primogenitura era dele, nada havia a discutir. Mas ela não tinha certeza de esav. E se rivka queria seus dois filhos vivos e inteiros, ela precisaria pensar rápido e a fundo, ela precisaria ter o pensamento tão agudo quanto yakov e tão certo quanto as flechas de esav. Ela precisaria ser mãe dos dois, ser a grande mãe que compreende e aceita, mas também cria e inventa.

Tudo se acelerou quando rivka encontrou itzhak falar com esav. E itzhak dizia que seu corpo já não lhe obedecia, e ele via a morte se aproximando. Ele era velho e devia de abençoar seu filho antes de morrer. E a esav pediu para que tomasse de seu arco e sua aljava e que fosse ao campo e trouxesse caça e preparasse um guisado gostoso do jeito que ele gostava, para que ele lhe desse sua bênção antes de morrer.

Rivka sabia que precisava agir rapidamente. De nada valeria ser o primogênito, e ter o título e o poder, e a autoridade e o dobro da herança, e ser aquele que carregaria o nome, se a bênção fosse para esav. Esav que se esquecera de dizer ao pai que vendera a progenitura. Esav que se esquecera que um guisado de lentilhas fora um parco preço para sua progenitura. Esav que seria abençoado com o favor divino e impediria o cumprimento do que devia de ser. A rivka não lhe importava quem seria o primogênito. Ambos eram seus filhos. Ambos haviam saído de sua barriga. Mas rivka sabia que a progenitura não poderia caminhar sem a bênção de itzhak, e sabia também que mesmo com as duas juntas, ela teria de afastar yakov ou esav de lá, os dois não poderiam viver juntos por um longo período, o tempo que tudo cura teria de fazer suas artes, e ela esperava que ele sim curasse a mágoa e a dor e a ferida aberta que se revelaria prontamente.

Rivka procurou yakov e lhe contou. Que havia ouvido itzhak pedir a esav que lhe trouxesse uma caça e com ela preparasse um guisado para ele comer. E que lhe abençoaria diante do senhor, antes de sua morte. E rivka deixou claro para yakov que não havia tempo a perder. Que ele trouxesse dois cabritos do rebanho, e ela prepararia o guisado do jeito que itzhak gostava, e que ele levasse para itzhak, para que o comesse e abençoasse a yakov.

Mas yakov ainda argumentou que esav era peludo e ele liso de pele, e que itzhak lhe apalparia e sentiria não ser ele esav, e sobre ele cairia uma maldição e não uma bênção. Rivka lhe assegurou que não havia com que se preocupar. Que apenas trouxesse os cabritos. E assim yakov fez, e com os cabritos rivka preparou o guisado do jeito que a itzhak lhe agradava, e com os pelos dos cabritos forrou a yakov, e vestiu-o com as roupas de esav e o despachou para levar a comida a itzhak.

E yakov levou o guisado e o pão que sua mãe fizera a itzhak, e os apresentou a seu pai, que perguntou quem ali estava. E ele falou: sou eu, esav, teu primogênito, meu pai. E quando o pai lhe perguntou como tão rápido encontrara caça, ele disse que o favor de deus

o alcançara. E itzhak disse para ele se aproximar, pois que via que a voz era de yakov, mas o tocou e viu que as mãos eram de esav. E sentiu o cheiro das roupas de esav, e disse que aquele cheiro era abençoado, o cheiro do campo e do orvalho, da vida que se ia lá fora. E yakov serviu a itzhak do guisado e do vinho, e itzhak comeu e bebeu e o abençoou: que deus lhe dê o orvalho dos céus, e a abundância dos grãos e do vinho, e que os povos e nações se curvem ante ti, e seja você senhor de teus irmãos, e malditos os que te amaldiçoarem e benditos os que te abençoarem.

E nem bem yakov saiu, esav retornou com sua caça. E preparou um suculento guisado para o pai, e o levou a itzhak. E itzhak perguntou: quem está aí? Sou eu, meu pai, que lhe trago o guisado que o senhor pediu. Mas como, acabei de comer o guisado que você trouxe, e de beber o vinho e te abençoar! E esav, percebendo o que yakov fizera, berrou com seu pai: abençoa também a mim. Não sobrou para mim nenhuma bênção? E itzhak abençoou a esav: que viveria nas gorduras da terra e no orvalho dos céus, e pela espada viveria e serviria a seu irmão. Mas que um dia sacudiria o jugo de seu pescoço.

E esav odiou a yakov pelo que tinha feito. Ele roubara sua primogenitura, e roubara sua bênção. E que logo chegaria o tempo do luto por itzhak, e então haveria um outro luto naquelas terras também.

E rivka viu que agora teria de agir ainda mais rápido. Que antes que esav assassinasse a yakov, e caim e abel se repetissem sobre a terra, algo ela teria de fazer. Os dois precisavam ser separados, o quanto antes, e que o tempo se encarregasse de curá-los. O tempo que a tudo cura. O tempo que faz esquecer. Como se algo pudesse ser esquecido. Mas não havia nada mais a fazer. E então rivka pensou que esav estava casado com yhudit filha de beeri e bashmat filha de eylon, ambas mal vistas aos olhos de itzhak, e também aos seus. E o plano veio inteiro aos seus olhos, e rivka procurou a yakov e lhe explicou o plano, que ele se fosse a lavan, seu irmão, a procurar esposa,

que deixasse o tempo esfriar e os ânimos se arrefecerem, que desse chance a esav de esquecer e perdoar, que assim, apenas se fosse.

E rivka se preocupou em falar com izhak. Que não lhe caía bem yhudit tão presunçosa e orgulhosa, não lhe caía bem bashmat sempre tão preguiçosa e a falar mal dos outros, que yakov procurasse uma esposa entre os seus, que fosse a procurar lavan, seu irmão, e por lá encontrasse uma mulher que lhe agradasse e também a eles, e que fosse o consolo de sua velhice, a amiga de suas dores, a ajuda de seus últimos anos.

E itzhak concordou, tão bem convenceu rivka a ele.

Apenas rivka nunca soube se tinha tomado a decisão correta. E ainda que amando a esav e a yakov mais que tudo, e sabendo que a esperteza de yakov não o deixaria ser nada menos que herdeiro, e o que propagaria as gerações, e sabendo que a única forma de ele conseguir a progenitura e, a um só tempo preservar o amor e a vida, era a separação de seu irmão, rivka nunca pôde saber o que realmente aconteceria, se um dia sim eles se matariam, se um dia eles cumpririam a profecia e o prometido, se esav mataria a yakov, ou yakov acabaria com esav, e o não saber a fez afastá-los um do outro, a fez colocá-los bem longe um do outro, cada um cuidando de seus rebanhos, de suas mulheres, de suas riquezas, mas longe dela, yakov por tão longe a terra, esav por tão grande a raiva.

Quando rivka percebera que o único jeito de mantê-los vivos era dar a yakov a primogenitura e a bênção no nome, mas a esav a posse de fato das terras e dos animais e dos rios e dos campos, ela sabia que estava dando a vida aos seus filhos, estava criando a única existência possível para eles, o único jeito possível de convivência – assim, bem longe um do outro, longe da vista e do coração. O tempo faria o seu papel.

Ela só não pensou que o tempo de nada adiantaria para ela. Esav nunca mais falaria com ela, yakov nunca mais cruzaria os seus olhos. Mas estavam vivos e inteiros, prosperavam e seguiam. Enquanto ela, mãe que entregara a vida, ia definhando e morrendo.

lea e rachel e zilpa e bila

I

Lea não sabia dizer quando tinha aceitado aquela situação. Ou como. Ou se. Tudo que podia dizer era que lhe era agradável olhar os olhos de mel de yakov, as madeixas caindo em doces cachos pelo seu ombro. Olhar seu torso nu a dormir em sua tenda. Sobreviver às noites de desejo e prazer que eram religiosamente seguidas pelo abandono.

Ela sabia que enquanto não se fechasse para yakov, não lhe desse um ultimato, não deixasse a situação clara nada mudaria. Mas ela não era capaz. Era só vê-lo para ela se derreter e se deixar levar por palavras falsas e vãs, e seu corpo de novo se emprenhava e um novo filho vinha ao mundo para lembrar sua fraqueza. Se havia algo certo naquela vida, era que a cada vez que yakov se dignava a vê-la um novo menino vinha ao mundo. Para desespero de rachel que seguia seca.

Às vezes ela se perguntava por que aceitara o início. Quando seu pai resolvera enganar a yakov, e entregá-la a ele em lugar de rachel, por que não esperneara, por que não denunciara o ato sórdido de seu pai, por que deixara yakov trabalhar sete anos e mais sete por amor de rachel, por que aceitara a ganância de seu pai, a ignorância de yakov? Por que não dissera que não, que não devia yakov deitar-se com ela, que ele não devia casar-se com ela e com rachel, que

devia escolher, que devia encontrar outra esposa que não ela, ou que não rachel, ou que tudo estava errado desde o início. Não, ela não era tão linda quanto rachel. Mas havia algo nela que despertava os homens, e ela sabia cuidar e deixá-los pensar que eles faziam e aconteciam, enquanto ela os levava por sendas e caminhos obscuros, por atalhos que os transportavam para lugares úmidos e quentes, e sem saber eles tocavam o mistério. Sim, ela era antes de tudo alguém que sabia cuidar, e por que desperdiçara tanto amor com yakov, ele que não olhava de fato para ela, ele que era puro amor por rachel.

Doía saber que desperdiçava sua vida, e doía mais ainda saber que nada faria para mudar. Sabia que sentiria inveja de rachel por toda a vida. Mas sabia também que rachel sentiria inveja dela. Fazia parte, não era à toa que eram irmãs. Mas era uma pena que tanta inveja não as tornasse melhor, que tanta inveja só as corroessem e de nada servisse.

Ela ainda se lembrava do começo. Quando seu pai a procurou e disse que ela se casaria com yakov. Não havia como discutir. Ele já o decidira, e ela por um momento pensou que não seria tão ruim, que ele se apaixonaria por ela, que ele esqueceria rachel, que seus olhos se encontrariam e a paisagem se reorganizaria, o mundo se refaria e ele seria dela e ela seria dele. Vão engano. Eles se deitaram e se amaram e no dia seguinte yakov já estava a cobrar de lavan a sua verdadeira esposa. Aquela pela qual ele trabalharia outros sete anos. E lavan, seu pai, aquele que deveria protegê-la, aquele que de claro tinha só o nome, apenas tinha seus olhos cúpidos para mais sete anos de trabalho de yakov, e entregou rachel a yakov sob a promessa de mais sete anos. E sete anos ela viu seu homem se acabar no trabalho por amor de outra, e essa outra era sua irmã, era aquela com quem crescera e brincara e corra e descobrira o mundo. Por que tinha de ser rachel? Por que não podia yakov ter se apaixonado por outra? Por que tivera seu pai de dá-la a yakov, por que tudo acontecera a ela, por que o sofrimento que se prolongaria eternamente?

E ela sabia que tinha as respostas, e no entanto as escondia como quem esconde o melhor pedaço, quem guarda o melhor bocado para o final, pois que as respostas eram o que ela era, eram o melhor de si, seu sofrimento era a causa e era a consequência, era a fonte e era o fim. E porque talvez tudo se resumisse ao corpo de yakov deitado em sua tenda.

E os filhos foram vindo. Reuven, que deus viu em meus olhos meu sofrimento, e shimon pois que deus me ouviu, e levi que me traria meu homem de volta. Vã esperança, vão desejo, filhos que vieram para algo, quando todos sabem que filhos vêm e se vão, e não para nada, não o caminho mas o fim, e ela que o sabia fez que não o sabia e ainda chegou yehudah, o filho que a fez louvar a deus e fechar seu ventre, e se deixar ficar no triste vão entre a desesperança e a mágoa, entre a dor e a paixão, e passou a cuidar de seus filhos e de suas ovelhas e de seus campos e de seus afazeres. E com tanto a fazer e com tantas crianças a crescer ela se esquecia de que estava completamente só, só como as pessoas em meio às crianças e aos homens e às mulheres e à vida a correr.

II

Bila deixou-se ficar langorosamente na cama. Aquela cama era boa. Aquela manta era macia e acarinhava seu torso nu. Um arrepio percorreu seu corpo: a vida era boa.

– Por que você não me dá filhos?

– E sou eu lá deus para resolver te emprenhar ou não?

O diálogo reverberava em seus ouvidos. Yakov que sim era seu deus, yakov que era tudo para ela, ela que o aceitara já marido de lea, que passava quase que todas as noites em sua cama, yakov que a amava mais que tudo, que trabalhara sete anos e mais sete por ela, nem ele tinha mais paciência para a sua tristeza e a sua raiva e a sua inveja e tudo o mais. Ela era seca, sua barriga era vazia, e lea seguia tendo seus filhos, lea que achava que cada filho traria o amor de yakov, lea

que não conhecia yakov, que não sabia que yakov só tinha olhos para ela, lea que não sabia que yakov só se deitava com ela por compaixão, que ele fechava os olhos e imaginava a ela, rachel, em sua cama, como lea era ingênua de achar que filhos lhe trariam o amor de yakov, mas lea seguia tendo filho após filho, e ela não, ela era seca como o figo esquecido no pé, ela era árida como os campos no fim do verão, ela não suportava mais olhar a barriga de lea, e o olhar sonso de lea, e as crianças a crescer à sua volta como ratos do campo. Sim, deus dera a ela o amor de yakov, mas por que esse amor era estéril, por que o amor não frutificava como devia de ser, por que só lea seguia tendo filho após filho após filho? E yakov quase que não se quedava na cama de lea, ele fugia de lá como as nuvens tão só o verão se anuncia, e bastava uma noite, uma noitezinha e lea já estava prenha, lea era mesmo uma rata no cio, e ela não entendia por que não ela, por que não ela que dividia a cama quase sempre com yakov, por que seu corpo seco e fraco, por que seu corpo era vazio e sonso e nulo, para que toda a beleza anunciada se a vida não vingava?

E a ela pareceu por fim uma ideia genial. Ela daria bila a yakov. Bila que era quase tão bela quanto ela, bila que era apenas uma menina, ela teria seus filhos por intermédio de bila, acaso sara não fizera o mesmo, sim, o amor de yakov ela teria por todo o sempre, isso ela não precisava temer, yakov se derretia por ela e assim seria até o fim dos tempos, mas ela queria ter seu filho, e se não fosse na sua barriga seria na de bila, e melhor ainda que fosse bila, ela mesma uma criança, para ela o filho nem seria dela, ela lhe daria o filho para que dela fosse, ela não teria a menor paciência de cuidar do que quer que fosse, ela que só via o prazer ao lado da cama, sim, ela teria os filhos de yakov por intermédio de bila.

A cama é mesmo macia. Bila se levantou e começou a pular na cama. Um som um pouco mais forte a fez parar, vai que estrago a cama e rachel resolve me punir. Riu sozinha – eu devo de já trazer o filho de yakov e sara em meu ventre, ela nem pensaria em me bater. Resolveu

que se deixaria ficar um pouco mais na cama. Deixaria rachel em suspense mais um bocadinho. Tudo que rachel queria era um filho, e isso ela lhe daria. Todas na sua família tinham filho de primeira, e com certeza a vidinha já estava se formando na sua barriga. Riu com mais gosto ainda. Um menino na sua barriga. Soava bonito. Tudo soava bonito – a manta no seu torso, a luz entrando pela porta da tenda, o menino na sua barriga, o frio se anunciando nas frestas da tenda. Bila se espreguiçou um pouco mais e resolveu que podia já sair, que podia já tirar rachel de sua prisão, que a inveja rendera seus frutos e a vida se fazia em sua barriga.

E nove meses exatos nascia dan, e rachel recebeu nos braços o menino moreno de absurdos cabelos claros, e lavou-o e enrolou-o nos panos mais lindos que tinha, e como rachel imaginara, bila esqueceu-se rapidamente do menino, só cuidou de amamentá-lo e deixá-lo de lado, e seguiu sua vida de quase menina. E rachel que não podia esquecer de lea e seus tantos filhos, não tardou muito a de novo oferecer bila a yakov, e daí nasceu naftali, a prova de sua luta com lia, e a prova de que ela também fora abençoada, ela que tinha então já dois filhos de yakov, filhos dela, sim, pois que bila mal olhava os filhos que cresciam do carinho imenso de rachel.

III

Zilpa não conseguia entender a lea. Lea e seus quatro filhos, lea e sua boba crença que filho após filho lhe traria yakov e seu amor, lea e sua eterna competição com rachel. Sim, rachel era linda. Sim, rachel era o amor de yakov. O que mais ela precisava saber? Continuar a ter filhos de nada adiantaria, e era uma bênção que deus resolvera não lhe dar mais filhos. Assim devia de ser. Que ela cuidasse bem daqueles filhos que corriam pelos campos, que caçavam fuinhas e coelhos, que traziam pererecas para assustar as mulheres que se banhavam, que prestasse mais atenção aos meninos que cresciam ao deus-dará

enquanto tudo que lea pensava era yakov. Yakov e seu dorso nu, yakov e seus cabelos aos ventos, yakov e seu sorriso cheio. Era tanto amor que ela nem via que yakov também envelhecia, e se cansava, e em seu cansaço só era capaz de ver a rachel. Cada vez mais.

Zilpa ainda tentou explicar a lea que era em vão. Que não ter mais filhos seria para ela uma bênção. Que cuidasse dos seus meninos. Que outras crianças não fariam a menor diferença. Tudo em vão. Lea era uma mulher teimosa, e encasquetara com aquela ideia e nada a faria mudar. Pois que fosse. Zilpa não tinha um homem e, se devia de ter, que fosse yakov. Ao menos ele não a procuraria por todo o sempre, ele para quem cada vez mais só rachel existia. E ela não seria apenas uma serva. Não mais. Sabia que deitar-se com yakov não traria nenhum benefício a lea. Mas para ela, zilpa, tudo mudaria. Ela seria a mãe do filho de yakov, sim, apenas mais um filho, mas ainda assim sua condição na família mudaria, ela não seria apenas mais uma serva, ela seria a mãe do filho de yakov, ela seria a mãe.

E ela se deitou com yakov como quem cumpre sua função, e de sua função nasceu gad, e não houve prazer maior do que ver crescer a sua criatura, o fruto de seu ventre, e ela se ria de lea que dizia que gad era seu filho, que ela era a bem-aventurada por ter cinco filhos de yakov, que ela teria o seu amor eterno. Ela gostava de lea, e sempre cuidara bem dela, mas não havia como não ver que o mundo de lea era um mundo criado em sonhos, e que ela jamais veria yakov como ele de fato era.

E mais uma vez zilpa aceitou deitar-se com yakov, e dar-lhe outro filho, e ela se riu da felicidade de lea, ela que sabia que aquele filho também seria só dela, que a felicidade era dela, e asher e gad seriam seus filhos por todo o sempre, seriam seu amor e sua paixão, seriam a vida correndo pelos campos e pelas pedras, pelos rios e pelas ravinas, filhos de uma serva, sim, mas filhos de yakov e da terra, filhos da vida e senhores de si, e o consolo de sua velhice.

E lea poderia ficar feliz achando que agora ela seria mais que rachel, pois que também ela, zilpa, serva de lea, dera dois filhos a yakov, assim como havia feito bila. Ela podia achar o que quisesse, mas yakov jamais seria dela, yakov jamais amaria a lea como amava a rachel, e lea seria muito burra se não se contentasse com seus filhos e não vivesse sua vida independente de yakov e seus amores. E era exatamente isso que ela, zilpa, faria. Viver intensamente seus filhos, amar intensamente seus filhos que eram tudo que valia.

IV

Não era um segredo. Apenas não falavam nisso. Assim, sem mais. Mas a cada vez eram mais lágrimas, e mais tristezas. Chegara a um ponto que yakov dissera que não mais se deitaria com ela, que não suportava mais o seu sofrimento, que cada bebê que se esvaía de seu ventre, cada poça de sangue em sua cama, cada corpo mínimo a jazer nos começos do bosque era pura dor, que não queria mais tentar, que o prazer que seu corpo lhe dava não pagava a dor dos minúsculos corpos a se deixarem expulsar. Que ele a adorava e a amava, mas que para tudo há um fim, e aquilo já era demais para ele.

Rachel não o deixava continuar, e dizia a ele que um dia deus a abençoaria, que um dia ela conceberia, e ele teria o seu filho de verdade, o filho que seria deles, só deles, mas ela também já não acreditava nisso, e olhando os montes no bosque ela era de novo lágrimas, e ela não entendia a injustiça do mundo, e a dor do mundo, e qual o sentido dos tantos filhos de lea e bila e zilpa, quando ela estava ainda vazia, e os corpinhos quedavam-se sob a terra, e a vida era tão vã e vaga.

Foi então que reuven veio dos campos com as mandrágoras. Colhera para sua mãe, e vinha todo prosa ofertá-las a lea, como quem traz o presente dos céus. E rachel não acreditou por um minuto que

reuen inocentemente trazia as mandrágoras para sua mãe, ele devia de saber que mandrágoras lhe trariam mais um filho, ele devia de saber que mandrágoras eram fortes e potentes, como ele não trouxera as flores para ela, como ele ousava esquecê-la, ela que era sua tia e sua mãe, ela que tanto precisava delas.

Lea viu que rachel beirava à loucura. Aquilo não terminaria bem. Tentou explicar-lhe que reuen trouxera as mandrágoras para ela, que ele era só um menino, que era o presente para a mãe, que nada havia de obscuro e terrível. Não houve jeito. E então ela pensou em um estratagema, que acalmasse a rachel e também lhe desse frutos. E perguntou a rachel se ela não gostaria de alugar suas mandrágoras. Que ela lhe daria as mandrágoras e rachel em troca lhe alugaria yakov. Que yakov dormisse com ela, lea, e que rachel se fosse com as mandrágoras, as mandrágoras que podiam torná-la fértil, as mandrágoras que podiam dar-lhe um filho.

Rachel se ria e se ia, rachel para quem as mandrágoras seriam a sua salvação, seu corpo iria segurar um filho, seu corpo iria guardar um filho, seu corpo enfim fértil e generoso, ela teria seu filho.

E lea ainda pensou que rachel delirava, mas não pôde recusar a oferta, e yakov deitou-se com ela para contentar a rachel, e mais uma vez lea emprenhou e teve a isachar.

E de novo lea se deitou com yakov e gerou a zevulum. E desta vez ela estava certa que yakov moraria com ela, e yakov veria como era ela quem lhe dava os filhos, era ela quem lhe dava a vida e a descendência.

E mais uma vez lea engravidou, e nasceu dinah. Dinah que seria sua amiga e sua confidente, dinah que seria a única mulher em quem poderia confiar, dinah que teria apenas olhos de filha para yakov, e saberia amar a seu pai mais que tudo, e cuidar de sua velhice e de seus achaques.

Mas foi dinah quem fechou sua porta para yakov. Nunca mais ele a procurou, nunca mais entrou em sua tenda, nunca mais a chamou

para si. Ela, que tivera seis filhos e uma filha, ela que fora a que trouxera a maior descendência para yakov, ela nunca mais viu o torso nu de yakov, ela nunca mais chorou em suas mãos, ela foi deixada esquecida em sua tenda. E por mais que amasse dinah e seus passos tímidos, e por mais que amasse dinah e suas falas surpreendentes, ela nunca pôde perdoar a dinah ter sido o fruto de seu último prazer, ter sido aquela que fechou suas portas, ter sido aquela que marcou a ida de yakov de si.

V

Mas contra todos os prognósticos, rachel não enlouqueceu. Apenas o tempo passou, e rachel começou a acreditar que seu filho chegaria, e agora era uma fé cega e silenciosa, ela já nada dizia a yakov, ela que simplesmente esperava e se deixava ficar lânguida em sua cama, deixava seu corpo receber a vida e aceitá-la ou recusá-la, conforme fosse sua vontade. Rachel deixava-se ao tempo, entregava seu corpo à vontade da vida, firmemente convencida de que um dia seria o momento.

E foi. Dessa vez os meses se passavam e seu corpo crescia, sem recusas, sem sangue ou dores, apenas a barriga crescendo e se fazendo a vida, e rachel se ria como uma menina, sabendo que enfim era chegado seu tempo, seu corpo capaz de gerar e garantir a vida, capaz de manter o serzinho que se fazia dentro dela, e a sensação de milagre que a perpassava só não era mais real que o sorriso de yakov, yakov já tão cheio de filhos e a quem deveria ser só mais um, mas ela sabia que não, ela sabia que yakov não podia deixar de amar aquele filho que era dela, que seria o seu filho mais real, mais amado, o filho que seria fruto do amor, puro amor.

E quando foi chegado o momento do parto, rachel sentiu-se iluminada, e esqueceu a dor e as lágrimas e tudo o mais, e havia apenas yakov e ela e a vida brotando, e tudo que ela pensou foi em que ela seria mãe não só daquele menino, mas de outro e outro e outro e assim nasceu yosef.

E quando tempos depois sua barriga de novo cresceu, ela de novo se recolheu e esperou e acalentou a vida e protegeu seu corpo. A rachel desesperada já não existia, ela era a suavidade da vida brotando, e se fazendo e refazendo em seu ventre. Mas a vida que brotava dessa vez era ingrata, e seu parto a lacerava, e rachel sentiu seu corpo se esvaindo em sangue, e a vida fugindo, e rachel só pôde pensar que aquela criança se fizera em dor e assim se devia chamar, mas yakov a amava acima de tudo, e aquela era a vida que ficava dela, ela que deixava yakov e yosef, ela que entregava seu corpo em pagamento àquela criança, uma vida por outra vida, e assim sua alma se foi e a carne se fez em benjamin.

dinah

I

O problema é sempre quem conta a história. A quem se quer dar voz. A história está lá, pronta a ser contada. Os fatos já se deram, o desfecho já se foi, mas a responsabilidade maior é resolver quem tem voz. Quem tem o direito de contar. Os mortos? Devemos dar aos mortos o direito de sua versão? Pois que é sempre uma versão, não há nunca a história em si. Sempre o olhar enviesado. Dinah? Aquela que viveu e não teve direito a voz deve alguma vez ser ouvida? Um servo, uma serva, um irmão, uma irmã, um olhar de lado, um olhar transversal? Quem tem o direito de contar? Quem tem o dever de contar?

Se havia algo que se podia dizer de dinah, era que dinah era nova. Havia algo nela essencialmente jovem, e não era apenas a idade. Algo que se renovava a cada dia, um frescor de manhã nascendo, de orvalho na grama, de sol no horizonte subindo e anunciando o dia. Havia também a pele branca como o leite, e os cabelos indefiníveis e voando ao vento, e havia a juventude pura de sua idade, a idade real de não mais menina e ainda não mulher, e havia ainda o correr na mata e as palavras insensatas e tolas, mas sussurradas em sua boca de coração aberto e franqueza intensa. Dinah era a pura vida

se fazendo, crescendo na terra do leite e do mel, na terra molhada após o inverno à espera da semente e do porvir.

Há sempre um ponto de corte. Um ponto em que o correr do rio se perde, o tempo para, o gelo se quebra. Um ponto em que a vida suspende seu ritmo, a respiração se altera e a vida então conhecida se torna outra.

Dinah costumava visitar suas amigas sempre que podia. E as mães das amigas e as irmãs das amigas e as amigas das amigas, e as velhas que já não podiam sair de suas casas, e as meninas que a ouviam embevecidas. Era a felicidade de seus dias, as infindáveis conversas ao pé do fogo nos dias frios e na sombra das árvores nos dias quentes. Os bate-papos em que não importava o que falavam, não importava de quem falavam, o importante eram as vozes no ar, o espaço ocupado, o carinho trocado, a presença de cada uma, o calor. Para dinah era mais que um ritual, era uma forma de vida, era a graça da vida, e dinah se fortalecia na voz das mulheres, na companhia de cada uma delas e de suas presenças.

Aquele era um dia como outro qualquer. Dinah passara na casa de hanna, e de rivka. Fora um dia cheio, e ela vinha plena de palavras e carinhos das amigas, e não prestava atenção no caminho, apenas via por vezes o vermelho das anêmonas, impossível não vê-las, o vermelho sangue tingindo os horizontes, o inverno anunciando que a água tinha feito o seu trabalho, e o cuidado de não pisar nas pequenas flores e não destruir o tapete vermelho que levava o caminho.

Dinah vinha sozinha, mas não se sentia sozinha. As palavras ecoavam em sua cabeça, e as histórias se teciam e se contorciam. Tentava pensar pelas palavras das amigas, e entender o mundo como elas os entendiam, e sua mente fazia um esforço imenso, ela que não era tão inteligente como hanna, ou tão ousada e vivida como rivka. Tudo que tinha era o novo e o riso aberto e franco, e a vontade de entender e saber. Mas sabia que nem tudo era para ela, que havia todo um mundo que ela não compreenderia jamais, todo o mistério para ela, que era tão ínfima e pouca. Não se importava. Gostava das amigas, e gostava de ouvir, mesmo que não entendesse, mesmo sendo apenas repositária.

Pois por entre pensamentos, ele apareceu. Jovem como ela, novo como ela. Mas sem o seu sorriso franco. E a olhou, e não levou nem um minuto para se resolver. Seu corpo já se encontrava sobre o dela, as roupas dela rasgadas, o peso sobre o seu corpo, seu membro cortando-a e dilacerando-a, sua boca sussurrando palavras ininteligíveis e dinah nada falou, não gritou, só as lágrimas jorraram e ele lambeu o gosto de sal, e algo se transmudou em sua alma, e ele acarinhava sua face e tecia seus cabelos e bebia suas lágrimas e percorria de leve seu corpo como quem se arrepende e pede perdão, quando perdão não há. E ele ajeitou suas roupas e a acompanhou até a entrada de sua aldeia, e se despediu com um gesto com os dedos, que pouco dizia. E dinah correu à sua casa, e lavou o sangue e trocou as vestes e chorou.

II

Na cidade, uma mulher se descabelava e gritava e uivava. Essa mulher encantou meu filho! Essa mulher envenenou meu filho! Como ele quer casar com uma mulher deles? Com o povo dos circuncidados? Com o povo que mora em tendas, que não tem casa, que não tem um teto, que um dia está aqui e outro dia está lá? Ela jogou alguma palavra em meu filho, ela usou algum pó, alguma erva, alguma planta daninha em meu belo filho, ela é uma estropiada, e meu filho será um grande homem, está escrito e já o leram, um filho de príncipe, e ela com certeza o ouviu, ela cantou algum encanto e o fez apaixonar-se, e agora ele está condenado a essa mulher do inferno, e agora ele anda como um zumbi e ameaça morrer de amores, meu filho antes tão zeloso e tão sério, ela o matou para a vida, ela o roubou das mulheres, ela, ah, essa cadela perdida e desabrida.

III

Shchem veio a seu pai. Não posso viver sem ela, pai. Seu cheiro não me deixa, seu corpo não me deixa, estou que me morro, seus

olhos não me saem dos meus olhos, não durmo já no vazio ao meu lado, toma essa mulher para minha mulher, pai.

E seu pai tentou dissuadi-lo, pois que é só uma paixão que se vai, é algo tolo e infantil, e se você a violou e agora a quer por mulher, não posso ir a pedir essa menina para você, que pai vai querer a você por genro, que pai vai concordar com um casamento desses, fora a vergonha que vou a passar, eu que sou príncipe dessa terra, e tenho meus homens e meu gado e meus servos e meus pastos?

Mas nada havia a fazer. Shchem emagrecia a olhos vistos, e seu corpo sumia nos olhos vermelhos e no peito antes forte e ora encolhido, perdido, cansado. Seu pai viu que não havia o que fazer, e com shchem foi a falar com yakov. Com o pai da menina, o pai de dinah e de reuven, de shimon, de levi, de yehudah, de dan e naftali, de gad, de asher, isachar e zevulum, e de yosef e benjamin.

Pois que meus filhos estão ao campo. E yakov nessa frase viu que não se traía, apenas postergava. Seus filhos estavam ao campo, ele nada poderia fazer sem consultar os filhos, ao menos os maiores, sabia do temperamento de seus filhos, sabia da revolta, da raiva ao ouvirem o que haviam feito à sua irmã, sabia que nada ficaria por fazer, sabia que seus filhos não se calariam, e talvez fosse mesmo uma sorte que os meninos estivessem ao campo, dava-lhe tempo e chance de pensar. E o pai de shchem lhe aumentava o dote, e lhe dava mais gado e servos e ovelhas e ele a dizer que não era uma questão de dote, nada podia resolver sem seus filhos que estavam ao campo.

E então os filhos de yakov voltaram do campo. E ao verem shchem e hamor tiveram ganas de puxar de suas espadas, mas os dois estavam na tenda de seu pai, e as leis da hospitalidade não os deixariam fazer nada. Mas olharam desconfiados para yakov, e de yakov para shchem e hamor, e yakov explicou ao que eles vinham. E hamor completou ainda, dizendo que daria o que eles quisessem, o que eles pedissem, desde que deixassem a dinah com shchem, e quanto gado e quantos servos e o dote que fosse pedido, e que eles deveriam tomar as filhas de hamor por esposas, e as mulheres da

tribo de yakov eles as tomariam por esposas, e assim os laços de parentesco se renovariam, e todos seriam uma família.

Os filhos de yakov se entreolharam. E quem os conhecia perceberia o nojo e o desprezo, e a raiva e a desdita. Que raios de proposta era aquela, vinda do pai daquele que violara sua irmã. O que ele pensava de si, o que ele achava que eles eram, o que ele achava que sua irmã era? Mas hamor não os conhecia, hamor era apenas um pai preocupado com os amores do filho, com o desespero do filho, com a magreza e o largar-se do filho, e via-se que faria qualquer coisa por aquele filho desgraçado. Foi então que um deles teve a ideia, e os outros a pegaram no ar.

Pois que não poderiam se casar com mulheres de um povo em que os homens não fossem circuncidados. Se iriam ser parentes, fariam parte do pacto com nosso deus, e esse pacto só poderia existir se todos os homens fossem circuncidados. Não poderia haver pacto sem circuncisão, e que maior pacto que se trocaram as filhas, e casarem-se entre si? Impossível sem a circuncisão.

E hamor não hesitou. Se é isso que é necessário para shchem ter a mulher que deseja, isso será feito.

Hamor usou todo o seu poder de persuasão para convencer os seus homens a se circuncidarem. Eles farão parte de nossa família. Eles trarão o seu gado e a sua ciência e o seu ouro, e serão parte de nós. E as suas posses serão nossas posses, e suas mulheres nossas mulheres, e suas aquisições nossas aquisições, e tudo será compartilhado, e eles farão parte de nossa cidade, e negociarão conosco, e nos ajudarão em nossos negócios. E tudo que precisamos é nos circuncidar, e assim seremos parte do pacto com seu deus, esse deus que tanto lhes tem protegido e feito aumentar sua fortuna, e esse deus será nosso deus também, e nos protegerá e nos sustentará. E apenas precisaremos nos circuncidar.

E assim hamor foi convencendo a todo homem que saía pela cidade, e todos os homens concordaram em se circuncidar.

IV

E dinah estava casada com shchem. Ela, ela estava casada com o homem que a violara, com o homem que a jogara no chão de sangue das anêmonas e a conspurcara, e que agora deitava palavras doces em seus ouvidos, e a cobria de carinhos e cuidados, e algo não batia. Dinah sabia que não era tão inteligente ou esperta, sabia que não entendia o sentido das coisas, mas não conseguia entender o que se passava pela cabeça de seus irmãos. Ela era a única irmã. A única mulher entre os doze varões. Eles jamais a deixariam casar com um homem que a violara. Algo estava errado, ela conhecia seus irmãos, algo haviam de estar tramando, mas o quê? Não conseguia atinar com o sentido da coisa, e desistiu de tentar descobrir, ao menos por ora.

Tentou entender melhor o que estava se passando com ela. O que ela estava sentindo. Porque também com isso ela não atinava. Sim, ela deveria odiar o homem que estava ali em sua cama. Aquele era o homem que a tirara de sua vida, de suas amigas, de seus passeios, de suas conversas, de todo o mundo misterioso que ela não entendia mas vivia com o mais profundo adorar. Ali estava o homem a quem não importara ser ela dinah, filha de yakov, irmã de reuven, de shimon, de levi, de yehudah, de dan e naftali, de gad, de asher, isachar e zevulum, e de yosef e benjamin, parte da tribo que seu deus havia escolhido para o pacto, o povo escolhido por seu deus. Nada disso o tinha impedido de jogá-la por terra e possuí-la, sem perguntas, sem remorso, sem pensar. E no entanto sentia-se no ar o remorso, sentia-se no ar que ele se perguntava agora por que o fizera, por que não esperara, por que não simplesmente pedira para casar-se com ela.

E ela não conseguia deixar de sentir pena. Sim, sentia também desprezo, e um certo asco também. Mas por trás do nojo e da raiva, ela se sabia mais forte que ele. Ela via o quanto ele dependia dela, o quanto rastejava pelo seu favor, o quanto comia das migalhas que ela lhe dava.

Ai, se aquela velha parasse um pouco com seu chororô. A mesma ladinha se repetindo, aquela feiticeira encantou meu filho, aquela mulher sem cira nem beira possuiu meu filho, se a velha soubesse o que o filho dela fez, se ela soubesse como gostaria de ter um pouquinho dessa magia que ela me atribui, só um pouco para entender o que está acontecendo, e se ela se calasse um pouquinho talvez eu pudesse pensar mais claramente e entender o que se vai pela cabeça de meus irmãos, e o que se vai pela minha cabeça, por que meu nojo não é maior que minha pena, por que meu coração insiste em sentir pena desse homem que me atacou e jogou com meu corpo e meu destino, por que não consigo ter apenas raiva, a raiva pura que tenho certeza que perpassa a mente de meus irmãos, por que a pena intensa e profunda, por que temo por seu destino, por que presumo a morte anunciada e antecipo o sofrimento?

V

E ao terceiro dia em que foram circuncidados os homens da cidade, quando todos os homens estavam ainda doloridos e sem forças, entraram shimon e levi com suas espadas, e mataram a todos os homens da cidade. E entraram na casa de hamor e shchem, e de lá tiraram dinah, e passaram hamor e shchem pelo fio de suas espadas. E saquearam as casas, e levaram todas as crianças e mulheres como presas de guerra, e roubaram o gado, e as ovelhas e os jumentos e os alimentos e o ouro, e nada restou para contar a história. Pois que shchem havia desonrado sua irmã, e a cidade estava condenada.

E quando yakov perguntou a seus filhos por que fizeram aquilo, por que o colocaram em tão difícil posição frente aos povos do lugar, frente aos cananeus e aos perizeus, e por que permitiam a nosso povo ser de agora em diante odiado por todos, e perseguido por todos, nós que somos tão poucos e tão ínfimos, nós que somos apenas uma tribo num lugar que não é nosso, e por que colocaram nossa

casa em risco de destruição, eles apenas responderam: “Devia nossa irmã ser tratada como uma prostituta?”

VI

Ninguém apareceu para atacar a yakov e seus filhos. Ninguém tomou as dores de hamor e shchem. Ninguém chorou suas mortes. Ninguém cobrou seu gado e seu ouro. E dinah voltou a viver com seus irmãos e seus pais e suas amigas e as amigas de suas amigas e as irmãs e mães e tias de suas amigas.

Mas algo havia mudado. Seus cabelos embranqueceram de um dia para outro. E embora a pele branca ainda conservasse o frescor e a juventude, eram os olhos que denunciavam o ponto de corte. Ela era outra.

E mesmo ela não saberia dizer o que era agora. Ela que não fora capaz de sentir a raiva de seus irmãos, tampouco pudera chorar a morte de seu marido. Shchem fora um ponto em sua vida, mas aquele ponto mexera com ela e a fizera outra. E nem ela saberia dizer como e para o quê. Sim, para além do nojo, a pena ainda estava lá. E sabia que se seus irmãos não o tivessem matado, ela teria acabado com ele com sua indiferença. Mas não tivera tempo para isso. Seus irmãos o haviam matado, seus irmãos haviam acabado com toda a possibilidade de ela tomar a vida nas mãos e entender e fazer algo. Eles haviam resolvido e tomado todas as atitudes, e matado e saqueado e aprisionado e destruído. Ela apenas fora resgatada, mais velha, mais fraca, mais imunda. E ela sabia que o vaso se quebrara e não havia o que fazer, e ainda assim ela tentava ainda entender o que se passara, e o que sentira, e o que pressentira que viria e que veio, e como vira tão claro no obscuro, e como percebera, ela que nada via, apenas sentia, e ainda assim achava que algo tinha feito, quando pensava que nada tinha feito, e ela se perdia nesses pensamentos lamentando a juventude perdida e passada, sozinha, incapaz de compartilhar com suas amigas, agora que sentia ter algo da inteligência e da perspicácia.

bila

I

A vida era boa. Mas não para yakov, que sofria. Rachel se fora, e não havia dor maior para yakov, não havia ovelha que lhe preparassem, o sumo de alho e cebolas a escorrer molhado por entre a carne tenra que lhe trouxesse um sorriso, não havia trigo ou cevada que lhe fizesse o pão mais doce, yakov sofria. E bila se apiedava dele, tanto amor jogado fora, tanto amor desperdiçado em seu leito, o homem envelhecia por entre o amor ressecado.

E ela por vezes se deixava ficar na cama de yakov, e tentava acarinhar e consolar. Mas não havia o que fazer. Rachel se fora, assim era e seria, e yakov seria inconsolável por todo o sempre. Lea ainda tentava que os meninos o mimassem e encantassem, zilpa ainda lhe cozinhava a sopa e lhe trazia o pão, mas yakov era apenas uma sombra vagando pelos campos, e bila sabia que seu corpo moreno e quente de nada serviria a yakov. Mas por amor ela ainda ia a seu leito, por amor ela ainda se deitava ali, e por vezes yakov se deixava ficar largado ao lado de seu corpo como quem procura um rio em que se deixar levar.

E havia noites que yakov não voltava, noites em que seus pés o levavam para longe, longe, em que se deixava ficar nas cavernas à volta do rio, noites e noites que se traduziam em longas semanas, e o

povo foi se acostumando a ver yakov longe e sozinho, andando por caminhos perdidos e deitado ao lado da pedra e do frio.

Bila ficava triste por yakov, mas sabia que assim seria, por todo o sempre. Rachel levava a vontade de yakov, rachel levava em sua morte o desejo de yakov, o resto de vida que ele guardara só para ela. E bila se deixava ficar em sua cama a que ele não viria mais, a cama em que concebera dan e naftali, sabendo que ali ficaria só, e sabendo que assim seria, que um dia tudo se ajeitaria, yakov voltaria para eles mais velho e mais triste, mas também mais consolado. Um dia. Yakov jamais seria mais seu marido, isso ela sabia, nem de lea, nem de zilpa. Mas isso não importava, tudo que era preciso era apenas que ele voltasse a ele mesmo, um dia, quando fosse seu tempo.

II

Bila ouviu o barulho e não entendeu. Yakov se fora para além do rio havia muitos dias, e ele nunca voltava no meio da noite. Os cachorros o acompanharam quando cruzara o vau, e não se ouviam seus latidos e seus passos por entre a folhagem. Não, não devia de ser yakov, mas quem viria a seu leito a essas horas? E por entre a luz da lua ela só viu os cabelos revoltos, e a silhueta forte e pesada, e os olhos famintos de reuven a desvendar seu corpo, reuven que já não era um menino, reuven que lhe perseguia nos campos, a ferir seu corpo com azeitonas certeiras, a lhe manchar o corpo com as amoras que lhe atirava, enquanto corria atrás dela com as mãos também manchadas.

E em um turbilhão as lembranças foram vindo, reuven crescendo e brincando nas águas do rio com ela, e os dois espirrando água um no outro, e dando caldos e nadando na poça, e reuven colhendo nardos e rosas, e trançando-lhe uma coroa de lírios, e o cheiro de lírio embriagando a roda, enquanto eles dançavam e riam e saltavam e corriam. E reuven levantando-a e rodando rodando rodando, e por fim ela de novo no chão e o chão se movendo, e eles sem saber se era de

tanto rodar ou se a terra de fato tremia, e reuven a chamando para começar a colheita, e o sol se resolvendo se devia de sair ou não, e o orvalho tocando seus pés e lavando suas mãos, e os dois se rindo das laranjas e das limas a correr de seus sacos, e o sol que se resolvia a sair forte e resoluto, e eles se livrando das mantas e respirando o calor.

E ela olhou nos olhos negros de reuven, nos belos e tristes olhos negros de reuven, e ela viu que assim seria. E ela o chamou sem falar seu nome, e ele se deitou a seu lado como quem beira o inevitável, e seus corpos se entenderam e se falaram e se deixaram levar pelo sem fim.

III

Reuven acordou taciturno. Ela bem o sabia, sem nem olhar seus olhos ou seu corpo sentado na beira da cama. Mas não importava. Bastou um estremecimento de seu corpo, bastou um virar-se no leito, e ele lá estava, de novo dentro dela, e de novo o infinito.

E então ele perguntou: e agora?

E agora nada. E agora a vida continua. Seu pai não vai lhe perdoar, seu pai não vai entender, tudo será difícil e terrível. Mas passará. Ele guardará a mágoa, e culpará a você, ou a mim, ou a seu deus. Mas nós não carregaremos a culpa. Nós nos recusaremos a carregar a culpa. A culpa é para quem não sabe, a culpa é para quem vive atormentado e perdido.

E aqui e agora não há culpas. Não há certo ou errado, não há o que devia de. Há apenas amor, amor sem qualidades ou defeitos, amor sem mais. Amor.

tamar

Todas as histórias já estavam escritas. No início era já um círculo perfeito, em que a vida se abria e se completava, em que o mundo se criava e se expandia, sem mais, um mundo com leis próprias, com começo e fim. Mas tamar me chamava, tamar se fazia em mim e me lembrava que o fim nunca é o fim, que a vida nunca está acabada, que há sempre algo além, que o corpo cresce dentro de você e que é chegada a hora, e você, urrando como um animal, com sons que nem você reconhece, vê que é chegada a hora de parir.

Tamar não tivera a chance de escolha. Seu pai a tinha dado para er, e er morreria sem lhe dar filhos. E então yehuda a tinha dado para onan, seu segundo filho, e onan se recusara a gerar nela a vida, sabedor que dele não seria a descendência. E por fim yehuda lhe dissera para ir ter a seu pai, a esperar por shela, seu terceiro filho, a se fazer homem, para quando pudesse nela gerar a descendência.

E o tempo passava. Tamar cuidava das ovelhas de seu pai, e ia ao campo e se sentava na grande pedra a olhar as ovelhas a comer sossegadamente. Ela tivera somente irmãs, e todas já tinham se casado e se ido, e apenas seu pai restara na casa grande e deserta. Ela pensava nos risos das crianças a correr pela casa, em como os netos povoariam o silêncio vazio, e em como seu pai ficaria feliz por ver a vida de novo correndo, mesmo que não fosse dele a descendência, mesmo

que não fosse dele o nome. E ainda assim. Seriam seus os filhos, e eles cuidariam da velhice de seu pai, e de sua própria velhice. Ela que já fora duas vezes casada, ela que sabia o que era dividir a cama com a maldade de er e a humilhação de onan, ela que sabia que tudo que ela precisava de um homem era seu sêmen e nada mais. As palavras ditas ressoaram na distância do campo, e ela mesma se admirou de sua coragem de dizê-las. Eu não preciso de mais um homem na minha vida, repetiu, atentando para a sonoridade de cada palavra. Eu não preciso de um terceiro marido na minha vida. Há anos espero por shela crescer, e ele já está grande. Ele já está em idade de casar, e yehuda não me quer mais por nora. Ele deve ter medo, ele deve achar que estou amaldiçoada, ele deve achar que shela morrerá acaso se case comigo. Como er e como onan. Mas shela não é como os irmãos. Shela não tem a maldade de seus irmãos, shela não tem a malícia de seus irmãos. Shela é um bom menino. Mas eu tampouco quero casar-me com ele. E se yehuda não o quer me dar, que assim seja. Eu não preciso de um homem em minha cama. Eu não preciso de mais um homem em minha cama. Tudo que preciso é de alguém que gere um filho em mim, tudo que preciso é do sêmen da família de yehuda.

E aconteceu de yehuda sair com seu amigo chira para timna, a tosquiá suas ovelhas. E as amigas de tamar correram a lhe contar: teu sogro sobe a timna a tosquiá suas ovelhas. E tamar viu que era chegada a sua hora. Tirou suas roupas pretas, suas roupas de viúva. E buscou entre as suas velhas roupas a mais trabalhada, a mais trançada, aquela em que ela ficava mais bela e mais desejada. E vestiu uma túnica azul, que comprara ainda jovem de uns mercadores que passavam por suas terras, que caía leve sobre seu corpo ainda forte e cobijado. E buscou um véu e cobriu seu rosto e se foi a postar-se na entrada para as fontes que há no caminho para timna.

E enquanto tamar esperava, pensava no que estava fazendo. Não faço nada de mais. Yehuda ainda me agradecerá, pois que trarei descendência a er, seu primogênito. Seu nome se perpetuará, sua família não

desaparecerá da face da terra. Sim, mas é por ardil que ajo. Mas acaso tenho escolha? Que fez yehuda para mim? Deu-me onan, que se recusou a emprenhar-me? Não me deu shela, que sim teria me dado um filho? Por que não posso eu então resolver que quero ter meu filho, por que não posso eu resolver com quem me deito e quem me monta, por que não posso ter o filho sem ter o homem, ter a graça sem ter a dor? Por duas vezes tive em minha cama a quem não me merecia, por duas vezes tive de ser de alguém. Agora alguém será meu, eu recolherei o sêmen e gerarei o corpo, eu e meu corpo, eu e minha vontade. Apenas.

E passou yehuda e a viu, e a tomando por uma prostituta, pois que tinha o rosto coberto, pediu para que se acostasse com ele. E ela, vendo que ele não a reconhecia, perguntou: O que me darás, para que me possuas? E ele disse que lhe enviaria um cabrito de seu rebanho. Ao que ela perguntou o que ele deixaria de penhor, e lhe pediu seu selo, seu cordão e seu cajado. E com ele tamar se deitou.

E tamar então correu a sua casa, com o selo, o cordão e o cajado, e tirou o véu e sua túnica azul, e de novo colocou suas roupas de víuva. E ela sabia, sabia que sua barriga estava cheia, sabia que a vida crescia em suas entranhas, sabia que a vida ia se fazendo, o filho que tanto queria, o filho que seria dela, apenas dela, que viveria em sua casa com ela e seu pai, que cresceria correndo pelo campo e guiando as ovelhas, que encheria a casa de risos e de ardor, de vida e amor. A vida que ela criara e criaria.

E yehuda pediu a seu amigo chira que levasse o cabrito para a prostituta nas fontes do caminho de timna, e que trouxesse de volta o que deixara em penhor. Mas não houve jeito de encontrar a tal prostituta. Ela lá não estava, e chira perguntou a todos na redondeza por uma prostituta, de túnica azul e rosto coberto, mas todos lhe garantiam que na região não havia tal prostituta, não de túnica azul, ou verde, ou amarela, que por aquelas paragens difícil seria mesmo encontrar uma prostituta, que dirá bela e bem formada, que por certo yehuda sonhara.

E yehuda resolveu que assim ficaria, se não a encontravam, que ficasse com o penhor como prova de sua palavra, que bem a tinham tentado achar e nada lograram, que ao menos ficasse com seu selo e seu cordão e seu cajado como prova de sua palavra.

E passaram-se três meses, e a barriga de tamar começou a fazer-se notar e foram dizer a yehuda que sua nora adulterara, que estava grávida por ter se prostituído, que sua barriga crescia a olhos vistos.

E que restava mais a yehuda fazer? Que a queimassem, que ardesse no fogo, que sua vergonha se tornasse cinza. E a mandou queimar.

Com que então ele me manda queimar? Eu, que fui mulher de seus dois filhos. Eu que carrego seu filho. Ele se deitou com uma prostituta no caminho para timna. Não deve ele também ser queimado? Não foi ele também adúltero? Mas ele jamais carregará a vida em seu ventre. Jamais o condenarão por se deitar com outra mulher. Sobre sua cabeça jamais pairará a ameaça da fogueira. Ele é yehuda, um homem. Pois que seja.

E tamar não se abalou, ela que carregava a descendência de er e de yehuda. E mandou entregar a yehuda o selo, o cordão e o cajado, e que lhe dissessem: do sêmen do homem a quem pertencem eu engravidei.

E quando yehuda viu seu selo, seu cordão e seu cajado, não pôde deixar de ver quão justa era tamar. Tamar que vivera a maldade de er e a humilhação de onan, e tamar que penara sua própria maldade e humilhação, quando a fizera em vão esperar por shela, ele que a ela dissera que shela lhe faria um filho e garantiria a descendência, sim, tamar que fora mais inteligente e justa do que ele fora, e então a mandou deixarem em paz. E nunca mais conheceu a tamar.

E tamar pôde então viver finalmente a sua vida. Sua, pois que a vida que crescia dentro de si agora era oficialmente sua. E de mais ninguém. Sim, seu filho seria filho de er e filho de yehuda. Mas fazendo-o o filho dos dois era como não ser o filho de ninguém, ela estava lá, só ela, ela e a promessa de vida que ela criara, não er, não onan, nem ao menos yehuda.

E quando, chegado o momento, sua bolsa arrebentou e a água regou a terra, ela soube que um novo mundo se anunciava, e ela deu à luz paretz e zarach. Paretz que rasgaria e refaria e recriaria o mundo, zarach que traria o fogo de que o mundo tanto andava precisado.

E ela os criara, ela, tamar, o fruto da terra a habitar os ares, a que tomara a vida em suas mãos e traçara o seu destino.

no início

foi composto na tipologia Garamond Premier Pro.
Miolo em papel pólen 80 gramas. Capa em cartão 250 gramas.
Impresso no parque gráfico da Imprensa Oficial do Paraná,
em Curitiba, no mês de novembro de 2014.